



Festival da Esperança 2



Igreja e Novos Pais 16



A Esperança Não Confunde 22



Conferência Missionária 23

REFRIGÉRIO

ISSN 2182-617X ANO 31
NÚMERO 170 - JUL/SET 2018



Família Yenemita. Tiveram apenas que aprender a trabalhar com máquinas agrícolas modernas para se tornarem o elemento essencial do renascimento de Israel. (Foto anos 50)

FESTIVAL DA ESPERANÇA



"Nos dias 7 e 8 de abril, Lisboa recebeu o Festival da Esperança, organizado pela Associação Evangelística Billy Graham. Esse que foi o primeiro festival após a morte do grande evangelista Billy Graham, trouxe a Lisboa a mensagem de esperança que apenas o Evangelho de Jesus Cristo pode dar. Multidões de vários pontos do continente e ilhas juntaram-se para quatro celebrações, com o total de assistência de 28 700 pessoas. Após 3 meses onde igrejas receberam a formação I Am Andrew, os cristãos sentiram-se fortalecidos e encorajados a convidar e trazer amigos para o Festival da Esperança para ouvir sobre Jesus Cristo.



O apelo à salvação foi feito por Franklin Graham, filho de Billy Graham, que após pregação convidou os ouvintes a sair do seu lugar e virem à frente e, como forma de expressarem a sua decisão de entregar a vida a Cristo, orarem e falarem com conselheiros preparados para este momento. Mais de 1100 pessoas deram esse passo, e estão a ser acompanhadas por igrejas locais onde, em grupo, podem fazer o curso "Crescer em Cristo". Para além de uma pregação clara do evangelho, o programa contou também com artistas nacionais e internacionais. Através do Festival da Esperança fomos lembrados para a urgência de falarmos de Cristo a todos que estão em Portugal. Esse foi o mandamento antes de subir aos céus. Enquanto Ele não voltar, ou nós formos chamados para junto d'Ele, é essa a nossa missão."



FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO 31 NÚMERO 170 JUL/SET 2018 ISSN 2182-617X

Periódico trimestral visando a informação

e edificação do povo de Deus



PROPRIEDADE
Comunhão de Igrejas
de Irmãos em Portugal
CIIP

Internet: www.ciip.net **E-mail:** refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-294 Mem Martins

E-mail: refrigerio@ciip.pt

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online

Capa deste número Osvaldo Castanheira

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim e Matilde

Vieira **Revisão e Edição de Notícias** Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.ciip.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X impresso / **2182-6188** em linha

Tiragem: 2200 ex **Preço de cada exemplar:** 1,90 €

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. **Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP.** NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério".

© Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. A Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações António Calaim

ENDEREÇO para correspondência: REFRIGÉRIO

Rua das Eiras, 22, 2725-299 Mem Martins

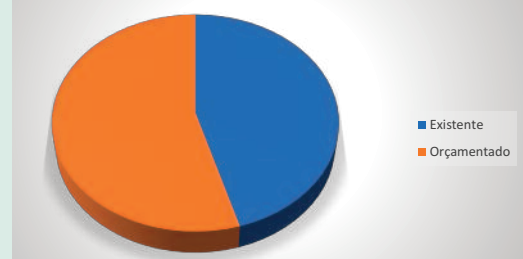
Cada Nº do REFRIGÉRIO tem um custo.

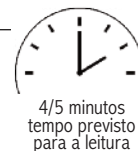
Apoie este ministério com a sua oferta.

DADOS ESTATÍSTICOS



Próximo Refrigério





SAPATOS



PASSADOS QUE SÃO 70 ANOS sobre a fundação do Estado de Israel e a tensão no Médio Oriente volta a crescer, não poderíamos ficar de fora deste tema.

Várias opiniões, infelizmente poucas que o espaço não dá para mais, por vezes divergentes, porque apesar de monoteístas não somos “monocerebrais”. (Não sei se existe tal palavra, inventei agora).

Justifica-se em primeiro lugar uma explicação sobre as imagens que acompanham os artigos: são fotos* tiradas nos primeiros anos da fundação desta nação soberana por direito próprio e porque “estava escrito”. São fotos de ação, de esforço tenaz para construir a partir do zero.

Os textos, esses, são um conjunto de raiz bíblica, histórica e cultural (se é que alguma vez estes itens se podem dissociar), para aprender, arrumar ideias e associar conhecimentos.

Simbolicamente, as duas impressionantes fotos desta página são símbolo histórico 1.1 de **destruição** (depósito de sapatos antes da entrada nas câmaras de gás - anos 40, Auschwitz) e 1.2 de **construção** (sapateiro numa rua de Tel-Aviv, - anos 50, Israel).

Deste modo, um simples sapato ou muitos neste caso, podem ter um enorme valor simbólico. A propósito, será curioso citar também Rute 4:7 - “Havia, pois, já de muito tempo este costume em Israel, quanto à remissão e contrato, para confirmar todo o negócio, que o homem descalçava o sapato e o dava ao seu próximo; e isto era por testemunho em Israel”.

A certa altura, mais para o mal do que para o bem, parte da História de Portugal está associada ao povo judeu. Por isso temos três textos que tentam sintetizar o assunto numa forma mais **particular** na pág. 10, **histórica** na pág. 11 ou em **diálogo** na pág. 13. Faltaria abordar muitos outros assuntos como a música e o povo judeu nos tempos bíblicos e hoje ou o humor de um dos povos que mais cultivava o humor sobre si próprio, mas haverá mais oportunidades para o fazer.

FÉRIAS

DE PANTUFAS: E porque não sugerir o ver ou rever o filme que até à data melhor retratou uma cerimónia judaica: o casamento. Refiro-me evidentemente ao maravilhoso filme “Um Violino no Telhado” no original “A Fiddler on the Roof” de Norman Jewison.

Ou atrever-me a aconselhar um dos mais cruéis livros já escritos, de Primo Levi, “Se Isto é Um Homem” que demonstra que, o olhar de quem o lê no conforto de “casas aquecidas” e umas boas pantufas, por mais horror, asco ou incómodo que a descrição provoque nunca conseguirá compreender o que se passou. A nossa galáxia é outra. O ver milhares de sapatos amontoados à entrada de uma câmara de gás em Auschwitz por muito que nos angustie é, para muitos, mais um ponto de um circuito turístico e a vida continua.

Já agora, uma sugestão mais nacional: leiam, mesmo que **DESCALÇOS**, numa qualquer esplanada ou sentados na areia, o livro de Miriam Assor sobre 14 judeus que marcaram a História de Portugal e que a certo passo refere: “No tempo da Inquisição, por exemplo, houve muitas pessoas que saíram, porque se tivessem ficado teriam sido pseudo-convertidas, passadas para cristãos novos. O que aconteceu é que quem teve a possibilidade de sair levou consigo o seu saber. E é provável que... É provável não, é certo que o saber que saiu, se tivesse ficado cá, Portugal estaria muito mais rico do que o que é hoje, cultural e cientificamente”.

DE TÊNIS OU SAPATILHAS: Visite, se puder, o Museu “Fronteira da Paz” de Vilar Formoso por onde passaram como refugiados, entre muitos outros milhares, Antoine de Saint - Exupéry, George Rony, Peggy Guggenheim, Salvador Daly, etc., ou então escolha um dia, vá até Belmonte, calcorreie as ruas da vila e visite a Judiaria bem como o Museu Judaico.

E, para terminar, não posso deixar de citar Miguel Esteves Cardoso: “... É preciso escolher Israel - tanto pela causa de Israel como pela nossa. O resto é cobardia, aldrabice, desprezo e estupidez”.

“Israel tem aproximadamente um amigo estrangeiro por cada mil amigos que têm os palestinianos”.

“Por cada cem israelitas que querem um estado da Palestina quantos palestinianos querem Israel ao lado da Palestina? Um. Só os mais inteligentes e humanistas.”

Boas férias, boas leituras e bons passeios, mesmo que descalços caminhando à beira mar, não esquecendo que devemos ter pelo menos “calçados os pés na preparação do evangelho da paz”... Efésios 6:15 ✡

(1) Livro com capa de Marc Chagall, introdução de André Malraux e fotos da Agência IZIS Edição de 1957.



OS EVANGÉLICOS, OS JUDEUS E ISRAEL



por Normando Pereira Fontoura

QUEM VISITA JERUSALÉM, a capital eterna de Israel, e em especial o moderníssimo museu dos “Amigos de Sião”, não ficará indiferente à vasta informação sobre a extraordinária influência e indiscutível contribuição dos evangélicos para a formação e o estabelecimento do moderno estado de Israel.

Foi de facto o reconhecido contributo de influentes líderes evangélicos que catapultou o retorno dos judeus à Terra dos seus antepassados, após 2 mil anos de dispersão e indescritível sofrimento. Foi a influência e a ação de notáveis evangélicos da segunda metade do século 19 e início do 20 que, como resultado direto do intensivo estudo das Escrituras proféticas, possibilitou a concretização do milenar sonho do retorno dos judeus (alyiah) à Terra de Israel. Muitos desses líderes evangélicos perceberam que os tempos anunciados pelos profetas da antiguidade estavam prestes a chegar, sendo portanto hora de os judeus perceberem a necessidade de voltarem à sua Terra, antecipando assim o retorno do ansiado Messias.

JOHN DARBY E A DECISIVA INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DISPENSACIONALISTA

Todos os historiadores concordam que foi o grande contributo trazido pela Teologia Dispensacionalista desenvolvida na segunda metade do século 19 por John Darby, divulgada por Cyrus Scofield e posteriormente defendida, entre muitos outros, por William Blackstone, Charles Mackintosh, D.L. Moody, Lewis Chafer, Reuben Torrey, que levou os evangélicos a entenderem e a amarem Israel. Todos eles acreditavam na interpretação literal das Escrituras, trazendo ao mundo evangélico uma nova compreensão dos planos divinos ainda por cumprir no povo e nação de Israel, separando a entidade Igreja da entidade Israel, e despertando a partir daí uma muito maior atenção e até preocupação em relação ao povo eleito e ao futuro próximo de Israel como nação novamente restaurada na sua própria terra.

Foi o evangélico Darby, considerado um dos pioneiros “fundadores” do movimento dos “Irmãos”, que exerceu um papel fundamental na divulgação de um “sionismo cristão” original. Os seus ensinamentos sobre dispensacionalismo iriam alimentar a sua dedicação pessoal ao sionismo e ao vi-

sionado retorno dos judeus a Israel. A interpretação dispensacionalista apresenta a Segunda Vinda de Cristo como um evento literal, físico, precedido do retorno dos judeus a Israel, levando ao estabelecimento de um Reino Milenar literal centralizado geograficamente em Jerusalém. Estes ensinamentos de Darby, elaborados e meticolosamente estruturados nas Escrituras, conquistaram o entusiasmo e as mentes de inúmeros líderes cristãos da época, influenciaram gerações de crentes até aos dias atuais e reposicionaram Israel na agenda bíblica e profética, contradizendo as então prevalecentes ideias anti-semitas transportadas da época medieval e que substituíam Israel pela Igreja, alegando que, pela sua rejeição e crucificação do Messias, os judeus se haviam tornado “amaldiçoados” e, por conseguinte, alienados dos planos de Deus, perdendo todo e qualquer direito às Suas bênçãos e à própria Terra de Israel. Para a teologia da época, ainda hoje infelizmente disseminada por certos sectores da Igreja cristã, a Igreja substituiu Israel, pelo que todas as bênçãos prometidas a Israel foram transferidas para a Igreja. A ironia nesta interpretação é que as maldições destinadas a Israel ficam com Israel, e não são segundo a mesma lógica aplicadas à Igreja...

John Darby (1800 – 1882) dividiu o programa divino em épocas, ou “dispensações”, separando o tempo atual, denominado “dispensação da Graça” - no qual Jesus está edificando a Sua Igreja através da inclusão de judeus e gentios salvos pela Sua misericórdia - de um tempo futuro, já próximo, no qual Deus irá voltar novamente a Sua atenção para Israel, trazendo o povo judeu de volta à Terra, restaurando-o e cumprindo assim as inúmeras profecias ainda não concretizadas com a vinda de Cristo há 2 mil anos, através da instauração de um tempo de paz, justiça e prosperidade denominado de Milénio, num governo físico e literal do Messias Jesus em Israel, com o Seu trono estabelecido na capital Jerusalém, de onde emanarão as Suas leis e as Suas bênçãos para as nações.

Os ensinamentos escatológicos de Darby obtiveram um forte impulso através da edição da famosa Bíblia com anotações de Scofield, cujas primeiras edições (1909) trouxeram um novo entendimento sobre o papel futuro de Israel a vastos sectores de crentes de língua inglesa e não só, provocando até aos dias de hoje uma influência decisiva nos

foto 2.1

Judeu do YÉMEN que em 1949 chegou a Israel.

A esta data, o Yémen tinha um milhão de habitantes, 40 000 dos quais eram judeus.

Esta comunidade judaica é provavelmente a mais antiga no mundo, julgando-se que se tenha estabelecido no tempo do rei Salomão.

sectores evangélicos conservadores e pentecostais favoráveis a Israel e aos planos de Deus para com o povo eleito. Esta compreensão aproximou os evangélicos a Israel, gerando uma paixão e envolvimento crescente com as questões e desenvolvimentos escatológicos focalizados naquela terra. A conquista de Jerusalém aos turcos otomanos muçulmanos pelo império britânico, em 1917, confirmou nas mentes de muitos estudiosos bíblicos que Deus estava novamente a voltar a Sua atenção para Israel, colocando-a no epicentro dos grandes acontecimentos mundiais, o que veio de facto a confirmar-se pelas tragédias e vitórias do povo judeu ao longo de todo o século 20 e que culminaram com o genocídio de 6 milhões de judeus na Europa e a consequente declaração de independência do moderno estado de Israel no dia 14 de Maio de 1948.

EVANGÉLICOS INFLUENTES NA POLÍTICA FAVORECERAM O RETORNO DOS JUDEUS A ISRAEL

Mas os ensinamentos de Darby e de outros “dispensacionistas” ultrapassaram as fronteiras das igrejas, chegando a influenciar destacados políticos ingleses da época, os quais por sua vez exerceram um forte contributo persuasivo sobre os políticos e a própria realeza britânica, destacando-se entre outras a histórica “Declaração de Balfour”, em 2 de Novembro de 1917, através da qual o anglicano ex-primeiro

ministro e então secretário dos Assuntos Estrangeiros, sir Arthur Balfour, declarava oficialmente à comunidade judaica inglesa que, caso o império britânico conseguisse derrotar os turcos otomanos que então dominavam a Palestina, “o governo de Sua Majestade encararia favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional para o Povo Judeu, e empregaria todos os seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo...”

Exatamente um mês depois desta publicação, as tropas britânicas entravam triunfalmente em Jerusalém, comandadas pelo general evangélico Allenby, após 400 anos de dominação islâmica dos turcos otomanos!

De destacar, nessa época também, o notável evangélico político reformador, lorde Shaftesbury, grande responsável pela influência dispensacionista escatológica num respeitável número de políticos ingleses. “Ele fez mais do que ninguém antes dele, para traduzir os temas do sionismo cristão em iniciativas políticas...conduzindo mais tarde ao apoio britânico ao estado judaico” (Michael Brown, The History of Christian Zionism).

Shaftesbury levou os evangélicos britânicos a militarem pela restauração dos judeus na Palestina, através da sua grande influência nas decisões tomadas nas políticas externas. Mas já muito antes de Darby outros destacados evangélicos perceberam os planos de Deus para com Israel...

foto 2.2

Sexta-feira à tarde.

O trabalho parou para este agricultor que volta a casa para o descanso sabático.



OS AVIÕES DE ISAÍAS

A conquista de Jerusalém em Dezembro de 1917 foi um constante rol de pequenos milagres que provaram a orientação de Deus para a concretização do Seu anunciado plano de restauração do povo judeu e da Terra de Israel.

Na manhã de 11 de Dezembro de 1917, o general Edmund Allenby entrou na Cidade Antiga, a pé, silenciosamente, sem fanfarras ou tiros de saudação, em sinal de respeito pelo local sagrado, pelo Portão de Jaffá, em vez de se apresentar a cavalo ou dentro de um veículo. Apenas os sinos da Cidade ecoavam. Foi o primeiro cristão, em muitos séculos, a controlar Jerusalém, local de muito significado para muitas crenças. Isaías 31:5 tinha-se cumprido!

Naquela manhã de 11 de Dezembro, junto à Torre de David, o general Allenby aceitou a rendição da Cidade e uma proclamação foi lida em 7 línguas informando a população que podia regressar às suas casas em paz e que os seus lugares sagrados seriam respeitados.

O general inglês Edmond Allenby era um crente devoto que lia diariamente a sua Bíblia. À medida que as forças britânicas avançavam, resgatando a Palestina das mãos do império turco otomano, o general sentia da parte de Deus que deveria tomar a cidade de Jerusalém

NÃO FOI CERTAMENTE um acaso ter sido um evangélico convicto, o general inglês Allenby, o escolhido pelo rei da Inglaterra para comandar as forças militares que encetaram a conquista da Cidade de Jerusalém, após 400 anos de domínio islâmico turco otomano. A providência divina interveio mais uma vez para o sucesso de tão difícil empreendimento. A clara evidência dessa intervenção sobrenatural permitiu que Allenby tomasse a cidade, sem que um único tiro fosse disparado ou uma única gota de sangue tivesse sido derramada!

foto 3.1

No kibutz Dafné.

foto 3.2

Festa de Ômer. Os agricultores de Israel renovam uma tradição hebraica muito antiga. No passado, os camponeses de Israel estavam nos campos e, na noite do primeiro dia da Páscoa no meio da alegria geral, cortavam o primeiro trigo maduro.



de forma pacífica.

Não querendo causar danos à Cidade santa, o general consultou o rei Jorge V sobre o que deveria fazer, tendo o rei respondido apenas: "Ora sobre isso."

Allenby acreditava nas profecias bíblicas. No dia 10 de Dezembro de 1917, o general pediu a Deus como poderia conquistar a cidade sem a destruir. O Senhor falou-lhe através do texto lido essa manhã pelos capelães às tropas inglesas, do Livro devocional de orações matinais utilizado pela Igreja da Inglaterra. O texto era a profecia de Isaías 31:4 e 5:

"Porque assim me disse o Senhor: **Como o leão e o leãozinho** rugem sobre a sua presa, ainda que se convoque contra ele uma multidão de pastores, não se espantam das suas vozes, nem se abatem pela sua multidão, assim o Senhor dos Exércitos descerá, para pelear sobre o monte Sião, e sobre o seu outeiro.

Como as aves voam, assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém; ele a amparará, a livrará e, **passando, a salvará.**"

Foi essa a estratégia de guerra que lhe foi revelada por Deus. "O que é que isso significa?" – perguntou o general a Deus. O Senhor deu-lhe a inspiração.

Allenby viu no "**leão**" o símbolo da Grã-Bretanha, e no "**leãozinho**" as tropas aliadas ali presentes da Austrália e da Nova Zelândia. Mas Allenby viu algo mais...

Em 1917 não havia ainda muitos aviões no mundo. Tomando como

base o texto bíblico, Allenby pensou em reunir todos os aviões disponíveis naquela região e trazê-los em voo cerrado sobre Jerusalém. Previamente, o general havia solicitado ao governo britânico 5 esquadrões de aviões para a região. Naquela altura muitos dos turcos e árabes nunca tinham visto um avião na vida. Allenby mandou encher os aviões com panfletos escritos em árabe: "**Rendam a cidade hoje, Allenby.**" O tradutor árabe não conseguiu escrever corretamente o nome "Allenby", tendo escrito "**Alla Nebi**", que significa para os muçulmanos: "Profeta de Deus." Imagine-se como os turcos e os árabes reagiram ao lerem um "recado" vindo dos céus, oriundo do "profeta de Alá", mandando-os evacuar a cidade.

Como resultado, Allenby conquistou a Cidade de Jerusalém sem que um único tiro fosse disparado! Ageu 2:15 e 18: "Considerai isto..."

– Profecia sobre Jerusalém proferida no dia 24 do mês de Kislev, que no nosso calendário correspondeu em 1917 ao dia 9 de Dezembro. No calendário judaico, o dia 9 de Dezembro começou com o pôr do sol do dia 8, exatamente quando as forças turcas passaram toda a noite evacuando a cidade! Às 7 da manhã de 9 de Dezembro todas as tropas turcas tinham já saído pela porta dos leões (S. Estêvão), em direção a Jericó, e pouco depois das 8 da manhã o prefeito de Jerusalém é visto com uma pequena comitiva sob uma bandeira branca a entregar as chaves da Cidade ao comandante britânico.

O dia 9 de Dezembro de 1917 foi também o 1º dia da celebração da Festa do Hanuká, que comemora a reconquista do Templo pelos judeus macabeus aos selêucidas pagãos em 165 a.C. ✨



OS TRÊS PRÍNCIPES DA RESTAURAÇÃO DE ISRAEL



por Eduardo Fidalgo

MAS, VINDO A PLENITUDE DOS TEMPOS, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher... (Gál. 4:4). O nascimento de Jesus é, sem dúvida, o melhor exemplo bíblico para compreendermos o significado da "**plenitude dos tempos**". Naquela noite, atingiu-se o clímax dos preparativos do plano divino para trazer o Messias ao mundo. No tempo e no lugar certos, os atores escolhidos a dedo - políticos, religiosos, e aqueles que seriam transformados através do recém-nascido, aguardavam a sua vez de entrar em cena. Para atingir um objetivo preparado durante séculos, Deus tinha conduzido tudo e todos àquela **convergência perfeita**. Ele opera assim. Nos grandes e nos pequenos momentos, mantém-

Se fiel às Suas promessas, e age com perfeição absoluta, articulando o tempo e o espaço.

"**Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?**" (Atos 1:6). De forma concreta, Jesus não respondeu à pergunta. Aliás, demorou dezanove séculos a ser respondida, porque a "**plenitude dos tempos**" da restauração de Israel tinha gravada a data de 14 de Maio de 1948. Deus não falhou, porque a Sua fidelidade é um padrão eterno. Ter essa compreensão é fundamental, porque não entendermos a ação de Deus na História passada significa não entendermos a Escatologia de Deus. O entendimento do passado descansa a nossa inquietação pelos dias futuros. E, se o futuro dessa Nação divide muita gente,

pelo que atrás ficou expresso confiamos que Deus tem Israel abrigado à sombra das Suas promessas. O futuro espiritual dos judeus também um dia será tratado, e isso acontecerá em uma outra **“plenitude dos tempos”**, como foi a restauração da Nação.

Mas..., o que é uma **“Nação”**? Em busca de um significado, bastanos-á a simplicidade da Wikipédia. No essencial, diz: **“Nação, ... é uma comunidade estável, ... com base num território, (e) numa língua, ...”** Portanto, os elementos fundamentais que definem este conceito são: Um **Povo**, com uma **Língua**, estabelecido numa **Terra**. Ora, o que é significativo é que, meio século antes de 1948, nenhum destes elementos fundamentais estava em condições ideais de contribuir para o país chamado Israel. Contudo, o **“exército”** de Deus já estava em ação.

Para chegar a essa **“plenitude dos tempos”**, Ele contou com **três judeus excepcionais**. A janela de tempo que se abriu para a vida e obra destes três homens foi extraordinariamente pequena: apenas 115 anos desde o nascimento do primeiro até ao desaparecimento do último. Chegaram e partiram **“num piscar de olhos”**. E embora não tenham trabalhado de forma articulada entre si, entendendo-os como obreiros da mesma causa, escolhidos e separados para a mesma missão. Apesar de cada um trabalhar para alcançar os seus próprios desígnios, o resultado final acabou sendo a Nação, com um povo despertado, uma língua ressurgida e o regresso a uma terra coroada.



THEODOR HERZL O DESPERTAR DO POVO

“Nasci em Budapeste, em 1860, perto da sinagoga onde há pouco fui severamente reprimido pelo rabino, por empenhar-me para que os Judeus sejam tratados com mais consideração e tenham maior liberdade.” É assim que se apresenta Theodor Herzl. Mostra o caráter vincado de um resistente, um combatente de desigualdades. Para fugir à discriminação, frequenta um estabelecimento de ensino evangélico.

“Nessa escola,” – lembra – **“os Judeus eram maioria e, portanto, não havia razões para queixas sobre anti-semitismo.”**

Foi esse anti-semitismo que mobilizou Herzl para lutar. Em 1895, depարou-se em Paris com a degradação pública de *Alfred Dreyfus*, judeu, oficial do Exército Francês, acusado de espionagem a favor dos alemães. Os gritos de **“Morte aos judeus!”** de uma multidão enfurecida, despertaram-no para a crua realidade: se não quisessem estar sujeitos a episódios semelhantes, os judeus teriam de viver na sua própria nação. Há muito que os pogroms devastavam a Europa Oriental, e a Velha Europa estava a juntar-se ao mesmo tipo de violência.

O episódio **“Dreyfus”** foi fraturante para Herzl. Em dois meses, no rescaldo da indignação que aquela cerimónia lhe provocara, concluiu o manifesto político **“O Estado Judeu”**. Logo no Prólogo, expõe claramente o seu objetivo: **“A ideia que desenvolvo neste manuscrito é muito antiga: o restabelecimento do Estado judeu.”** Com este livro, o Sionismo ia deixar de ser apenas um ideal religioso, para adquirir também uma matriz política. Herzl foi o grande mobilizador de um

sonho, um **“Moisés”** daqueles dias, alertando consciências e congregando judeus de todas as camadas sociais e culturais. Defendia a emigração faseada e consistente, proclamando, **“Somos um povo: os inimigos fazem com que o sejamos, ... Acossados, juntos nos erguemos e, de imediato, descobrimos nossa força. Sim, temos força para criar um Estado e um Estado modelo.”**

Em **“O Estado Judeu”**, a visão de Herzl foi tão longe quanto a criação de um exército, de uma bandeira ou a discussão sobre a língua que sealaria no novo país. E, quando em Agosto de 1897 organizou o **I Congresso Sionista** em Basileia, essas questões lançaram os fundamentos do Estado judeu. Após o Congresso, escreveu no seu diário, de forma quase profética: **“Em Basileia, fundei o Estado Judeu. Se eu dissesse isto hoje em voz alta, seria recebido com risos em todos os lugares. Em cinco anos, talvez, e certamente em cinquenta anos, todos o reconhecerão”**. Não se enganou! Demorou pouco mais de cinquenta anos para Israel se tornar independente.



ELIEZER BEN YEHUDA A LÍNGUA DOS PROFETAS

Eliezer Ben Yehuda foi o homem que resgatou a língua hebraica, e a restaurou à categoria de língua viva, que é hoje falada pelos judeus. Nasceu em Luzhky, Lituânia (1858), dois anos antes de Herzl. O objetivo que *Ben Yehuda* se propôs atingir tem contornos muito simples de contar. Durante séculos, tantas e tão prolongadas foram as dificuldades dos judeus da Diáspora,

que eles passaram unicamente a falar a língua das comunidades onde estavam fixados. O hebraico foi sendo posto de lado, deixado apenas como **“língua sagrada”**, usado exclusivamente para os atos religiosos. Infelizmente, esse caráter circunstancial cedeu lugar à generalização, e a língua dos profetas acabou por desaparecer quase completamente. Pior que isso, os que ainda a sabiam falar, eram violentamente impedidos de o fazer, acusados de blasfêmia, por misturarem o vulgar com o sagrado.

Um biógrafo de Ben Yehuda conta um episódio que ele viveu ainda muito jovem, e que mostra como Deus fez eclodir no rapaz o sonho de uma vida: **“Numa noite de sexta-feira em que Eliezer foi estudar**

com os rabinos, o seu anfitrião tirou da almofada da cadeira em que se sentou um pequeno volume e entregou-o ao menino.

“Esta noite, tu e eu devíamos ler daqui.”

Era uma tradução para o hebraico da história de Robinson Crusoe. Eliezer ficou fascinado com a ideia de que o idioma dos Livros Sagrados poderia ser usado para contar a história de um marinheiro naufragado. Excitadíssimo, estava a ler em voz alta quando alguém bateu à porta. Rapidamente, o rabino agarrou o Robinson Crusoe, colocou-o outra vez no esconderijo, empurrou a Torah para as mãos do menino, e só então foi abrir.” Era este o clima

de medo e secretismo que rodeava o uso vulgar do hebraico. A luta de Ben Yehuda foi contra este obscurantismo, ciente que só uma língua comum podia unir um povo. Mudou-se para Jerusalém, falava e desafiava a falar hebraico, em casa, nos jornais que fundou, nos colégios onde ensinou. **“Foi preso pelas suas crenças, esteve per-**

foto 4.1

Este velho, assentado numa colina de Jerusalém, assiste à plantação de 6 milhões de árvores que perpetuaram a memória das vítimas nazis

foto 4.2

Trabalhadores da nova estrada que ligaria a capital do Néguev e acabava no Mar Morto

manentemente à beira da morte por tuberculose, mas gerou onze crianças e reuniu o material para um dicionário de dezasseis volumes, diferente de qualquer outro trabalho filológico já concebido..."

A atualidade, em que o hebraico é falado sem restrições, mostra como foi importante a visão de Ben Yehuda na destruição daquela Torre de Babel. Morreu a trabalhar no seu dicionário, ocupado com a palavra "alma".



DAVID BEN GURION - "A" Terra


As ideias de *Herzl* corriam velozmente na Europa judaica. Em Plonsk, na Polónia, um grupo de sionistas costumava reunir-se em casa de um advogado local para evocar a amada Sião. Não suspeitavam que David, o filho do anfitrião, fascinado com aquelas discussões inflamadas sobre Eretz Israel, ouvia tudo escondido atrás da porta. A História conheceu-o como David Ben Gurion. *Lapierre*

e *Collins* lembram a sua tenacidade precoce: **"Ao contrário dos que faziam daquela sala o seu lugar de encontro favorito, ele não tinha qualquer intenção em fazer discursos sobre o sionismo, ele preferia vivê-lo. E viveu-o com dureza. Conheceu a fome, a malária e o cansaço físico da luta para desbravar um solo hostil que ele jurara fazer frutificar."**

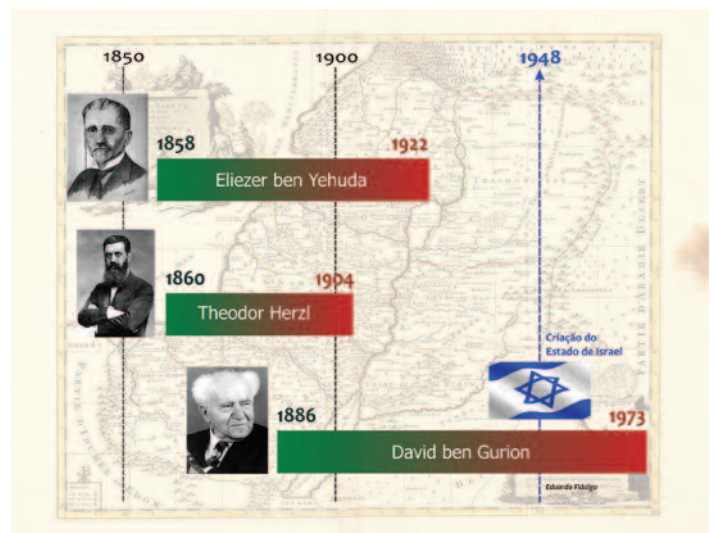
Dos dias finais da Segunda Guerra Mundial, e já numa posição de evidência na resistência judaica, recordaria: **"O esforço essencial dos sionistas concentrara-se durante anos sobre o reconhecimento pelo resto do mundo dos direitos do povo judeu de possuir uma nação. A partir desse dia, a prioridade total devia ser dada à defesa desse estado."** Se pensarmos que o estado a que Ben Gurion se refere ainda não existia, teremos um vislumbre da capacidade de antecipação deste homem: referia-se à guerra... e ela não demorava.

A 14 de Maio de 1948 coube-lhe a honra de anunciar ao mundo a **Declaração de Independência do Estado de Israel** e chefiar o primeiro governo israelita. De *Theodor Herzl* tinha herdado um povo

sensível à construção nacional, de *Ben Yehuda* tinha herdado a coesão que uma língua confere. Ele mesmo, *David Ben Gurion*, havia de consolidar a posse da terra em que viviam.

E agora, o que é que o futuro ainda reserva a Israel? Podemos refazer a pergunta dos discípulos: **"Senhor, restaurarás tu neste tempo o espírito a Israel?"** Ora, Paulo também concorda que isso acontecerá completamente em uma outra **"plenitude dos tempos"**, quando escreveu **"...o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado."** (Rom.11:25). Até lá, conhecendo o Deus do passado e do presente, sei que esse mesmo Deus do amanhã cumprirá o resto da Sua promessa: **"... E assim todo o Israel será salvo ... Porque assim como vós (gentios) também antigamente fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles (judeus), assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada."**(Rom. 11:26, 30, 31) 

BIBLIOGRAFIA: *O Estado Judeu*, Theodor Herzl; *Tongue of the Prophets*, Robert St. John; *Oh Jerusalém*, Larry Collins & Dominique Lapierre



RELATIVO AO ARTIGO DAS PÁGS 6, 7 E 8
OS TRÊS PRÍNCIPES DA RESTAURAÇÃO DE HISRAEL

SIONISMO

O regresso físico ou espiritual a Sião, ao Templo, à cidade santa de Jerusalém ... /... O Movimento Sionista, surgindo apenas no século XIX, tem as suas raízes históricas no século VI antes da era comum, durante o cativeiro de Babilónia, onde os Profetas encorajaram o Povo a regressar à Terra de Israel com a ajuda e vontade de Deus. O Sionismo foi, afinal, a base teórica de suporte de uma política de restauração do Estado Judaico no local onde sempre existiu, até à Diáspora. O Sionismo era a luta por uma causa. Com a restauração do Estado de Israel, o Sionismo já não poderia ser o suporte de uma causa, um Estado já não é uma causa. O objetivo dessa luta fora atingido.

(Joshua Ruah, *Israel, Ontem e Hoje*)

ALFRED DREYFUS

Judeu, oficial do Exército francês, professava o judaísmo. Em 1894 foi acusado do crime de vender segredos militares aos alemães, e por essa acusação foi condenado a prisão perpétua na Ilha do Diabo, na Guiana Francesa. O episódio, que se baseou em documentos forjados, passou para a sociedade a imagem de falta de patriotismo dos judeus, despertando sentimentos violentos de anti-semitismo. Émile Zola, escritor francês, foi uma das figuras de destaque que defendeu Dreyfus, nomeadamente com a célebre carta ao Presidente da República Francesa, intitulada "J'accuse" (Eu acuso), onde desmascarava a trama que tinha sido montada contra Dreyfus. Só 12 anos mais tarde ele seria reabilitado oficialmente. Mesmo assim, até morrer, nunca foi capaz de calar completamente as suspeitas contra si.

ALGUMA BIBLIOGRAFIA DO ARTIGO PAG 13 UM PASSEIO PELA ARQUITETURA DAS SINAGOGAS RTP2. Pinheiro, Paula Moura (Autoria e Apresentação).

(12 Janeiro de 2015, Programa nº14). Visita Guiada(III/III): Sinagoga de Tomar [Programa de Televisão]. Lisboa:RTP. Disponível em (acedido no dia 8 de Janeiro de 2018):

<https://www.rtp.pt/play/p1623/e178898/visita-guiada>

BAPTISTA, CARLOS. (2012, Dezembro 12). "Por Terras de Sefarad - As Judiarias de Lisboa" [mensagem de blog]. Disponível em (acedido no dia 10 de Janeiro de 2018):

<http://porterrassefarad.blogspot.pt/2013/12/as-judiarias-de-lisboa.html>

CAMINHOS DA MEMÓRIA - A Trajetória dos Judeus em Portugal [Documentário]. Pesquisa, roteiro, produção, fotografia, direção, edição: Valente, Luíze & Eiger, Elaine. Narrador: Luíze Valente. Música: Grupos Longa Florata e Música Antiga da UFF. Gravado em Portugal. Produzido por FOTOTEMA (2002). Disponível em (acedido no dia 23 de Janeiro de 2018):

<http://www.luizevalente.com/p/caminhos-da-memoria.html>

LUÍZE VALENTE § Escritora: Caminhos da Memória

SANTOS, LINA. "Miguel Ventura Terra, a casa dele e a sinagoga de Lisboa". in *Jornal DN Artes*, 6 de Fevereiro de 2017, Lisboa. Disponível em (acedido no dia 10 de Fevereiro de 2018): <https://www.dn.pt/artes/interior/miguel-ventura-terra-a-casa-dele-e-a-sinagoga-de-lisboa-5650059.html>

Arquitetura - Miguel Ventura Terra, a casa dele e a ...

MELO, J. RAMÔA; AFONSO, L. URBANO (eds.). "As sinagogas portuguesas e o tardo-gótico despojado" in *O Fascínio do Gótico*. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva [Versão electrónica]. 1ª Edição. Lisboa: ARTIS, pp. 105-136. Disponível em (acedido no dia 4 de Março de 2018):

http://www.artis.letras.ulisboa.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/HICVS_Parte%20II.pdf

VISIT PORTUGAL. Tomar, cidade templária [página web]. Disponível em (acedido no dia 21 de Fevereiro de 2018):

<https://www.visitportugal.com/pt-pt/node/73772>

TOMAR, CIDADE TEMPLÁRIA | www.visitportugal.com

TOMAR TERRA TEMPLÁRIA. Cidade - Nível 2 - Ruas e Monumentos - Sinagoga - Viagem no Tempo [página web]. Disponível em (acedido no dia 17 de Fevereiro de 2018):

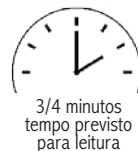
<http://www.ttt.ipt.pt/index.php?nivel=2&m=84>

ARCHDAILY (27 January, 2012). Casa dos Cubos / EMBALXADA arquitetura [página web]. Disponível em (acedido no dia 2 de Fevereiro de 2018):

<https://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embalxada-arquitetura>

ÍPSILON. "Recuperação do edifício - Projecto da Casa dos Cubos em Tomar recebe prémio de arquitectura de interiores". in *Jornal Público*, 29 de Setembro de 2008. Disponível em (acedido no dia 3 de Fevereiro de 2018):

<https://www.publico.pt/2008/09/29/cultura/ipsilon/noticia/pr-ojecto-da-casa-dos-cubos-em-tomar-recebe-premio-de-ar-quitectura-de-interiores-1344302>



ATITUDES DE UM FILHO DE DEUS PARA COM O POVO DE ISRAEL (OS JUDEUS)

por Ivan Fletcher



As nossas atitudes são influenciadas pelo nosso conhecimento.

A razão da existência de Israel:

O Povo de Israel é a propriedade peculiar (especial) de Deus entre todos os povos ¹.

A sua existência é fruto da chamada divina a Abraão e a sua obediência a esta chamada ².

Deus chamou a Abraão com o propósito de, através da sua semente, abençoar todas as famílias da terra ³.

O cumprimento desta chamada implicou dificuldades e angústias: Abraão tinha de deixar a sua casa e a sua família e ir para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia! ⁴

Deus mandou Abraão oferecer o seu filho em holocausto. E Abraão, em obediência e com fé em Deus, estava disposto a fazê-lo. E somente não o realizou devido à intervenção de Deus no último instante ⁵.

Abraão, Isaque e Jacob habitavam na terra da promessa em cabanas como peregrinos em terra alheia ⁶.

O Povo de Israel teve de viver como peregrino durante 400 anos em terra que não era sua, servir o povo desta terra e ser afligido por eles ⁷.

Deus deu a Sua lei ao Seu Povo, o Povo de Israel ⁸.

A Lei de Deus (Lei esta que é muito exigente e que o Povo de Israel não cumpriu) não foi dada com o propósito de agradar a Deus e merecer a Sua salvação, mas, sim, para dar a conhecer o pecado ⁹ a todos, judeus e não judeus, e para que todos saibamos que estamos condenáveis diante de Deus ¹⁰.

A Lei também serve como aio para nos levar a Cristo para obter a Sua salvação ¹¹.

Toda a Palavra de Deus foi confiada ao Povo de Deus, o Povo de Israel ¹².

O Salvador do mundo, o Senhor Jesus Cristo, a semente de Abraão¹³, é Israelita¹⁴, nascido sob a lei ¹⁵.

A Atitude de um Filho de Deus, que nasceu de novo pela fé em Cristo, para com o Povo de Israel:

Perante tudo isto que já foi escrito, a atitude de alguém que recebeu o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador deve ser louvor a Deus, admiração e gratidão ao Povo de Israel por este ter sido usado por Deus para a sua salvação.

Toda a Palavra de Deus e o nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo, vêm a nós de Deus por meio do Povo de Israel!

A Atitude perante o ódio do mundo ao Povo de Israel:

O inimigo do Senhor perseguiu e continua a perseguir o Povo de Deus, o Povo de Israel. O anti-semitismo ou anti-judaísmo nunca deveria ter qualquer expressão no coração de alguém que está em Cristo.

A Atitude para com os Judeus que perseguem o Senhor Jesus Cristo:

Alguns judeus e, também não judeus, têm

foto 5.1

Imigrante numa "maabarah" perto de Aifa.
"maabarah" era o nome das comunidades municipais temporárias no Israel dos anos 50, que absorveram as grandes imigrações de judeus após a fundação do estado de Israel.
Foram erguidas perto de velhos municípios.
A maioria das casas nas "maabarah" foram feitas com latas ou tecidos. Algumas tornaram-se cidades depois que o governo construiu casas fixas com infra-estruturas adequadas para morar.

... sido, e continuam a ser, usados pelo inimigo do Senhor para perseguir o Senhor Jesus Cristo e aqueles que nasceram de novo pela fé nEle ¹⁶. Nesta situação, a atitude dum filho de Deus, nascido de novo em Cristo, deve ser, como o apóstolo Paulo, orar para a sua salvação ¹⁷.

A Atitude para com os judeus que receberam o Senhor Jesus Cristo:

Os Judeus que recebem Cristo como seu salvador são membros da Igreja de Deus junto com os não judeus. A parede de separação está derribada. Toda a inimizade é desfeita e dos dois povos é criado um novo homem em Cristo Jesus ¹⁸.

foto 5.2 (página anterior)

Jovem rapariga Yemenita, nas margens do lago

Tiberíades, prepara a massa para os pães.

Herança duma tradição ancestral,

ela faz o seu pão tal como a mulher judia

o fazia há dois mil anos.

14) Rom. 9: 4, 5. **15)** Gál. 4: 4. **16)** 1 Tess. 2: 14 - 16. **17)** Rom. 9: 1 - 5. **18)** Efé. 2: 14 - 16.

Na Igreja do Senhor: não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino; porque todos nós somos um, em Cristo Jesus. (Gál 3: 28) ✡

REFERÊNCIAS

1) Êx. 19: 5. **2)** Heb. 11: 8. **3)** Gén. 12: 3. **4)** Gén. 12: 1, Heb. 11: 8. **5)** Gén. 22: 2, 10 - 12. **6)** Heb. 11: 9. **7)** Gén. 15: 13. **8)** Êx 19: 5, 8. **9)** Rom. 3: 20. **10)** Rom. 3: 19. **11)** Gál. 3: 24. **12)** Rom. 3: 1, 2. **13)** Gál. 3: 16.

fotos dde Osvaldo Castanheira

1

2

6

DOSSIER ISRAEL

A SINAGOGA DE LISBOA



2/3 minutos
tempo previsto
para leitura

por Ana Maria Araújo"
hannah.m.araujo@gmail.com

que eram feitas com água benta espargida sobre a multidão apinhada dentro das igrejas. Este procedimento parece hoje um tanto ridículo, mas devemos pensar que, nos fins do séc.

XV, as pessoas acreditavam verdadeiramente que com água benta resolviam todos os problemas, curavam todas as doenças, etc..

Depois, já no reinado de D. João III (filho de D. Manuel I) e a pedido deste rei, o Papa Paulo III enviou a Inquisição que começou a operar em Portugal em 1536, tendo-se mantido em ação até 31/03/1821, data da sua abolição. A Inquisição foi abolida mas, logo de seguida, foi publicada uma nova lei que obrigava a que todos os cidadãos portugueses fossem católicos. No entanto, essa mesma lei permitia que as pessoas estrangeiras pudessem viver em Portugal professando outras religiões.

Por esta razão e baseados neste pormenor da nova lei, bastantes judeus descendentes das famílias que tinham escapado à Inquisição fugindo para outros países, começaram a voltar às raízes. Voltaram principalmente judeus das famílias fugidas para Marrocos e Gibraltar. No entanto, já na segunda metade do séc. XIX, estavam já praticamente todos a viver na capital e decidiram pedir autorização para construir uma Sinagoga em Lisboa. O rei D. Luís permitiu a construção que ficou a cargo do Arq. Ventura Terra, considerado o melhor e mais importante arquiteto da época.

A primeira pedra foi lançada em 1902 e a Sinagoga foi inaugurada em 1904. Por outro lado, a atual Comunidade Judaica (Israelita) de Lisboa é composta, na sua maioria, por descendentes desses judeus vindos de Marrocos e de Gibraltar após a lei que lhes permitiu o retorno. Aquando do 1º século de existência, em 2004, a sinagoga foi restaurada mas sempre mantendo as características da época da sua construção. ✡

A SINAGOGA SHAARE TIKVA é a única Sinagoga existente atualmente em Lisboa. Na realidade existiram muitas Sinagogas espalhadas por todo o país já que, nos fins do séc.

XV, cerca de 20% da população portuguesa era judia.

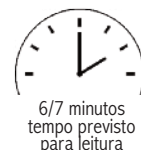
Entretanto, e devido ao casamento do nosso rei D. Manuel I com a princesa Isabel, filha dos Reis Católicos (Espanha), em 1486 foi implementada no nosso país uma lei semelhante à que estava já em vigor em Espanha desde 1492. De acordo com esta lei, todos os não católicos deveriam converter-se ou sair do país.

Como resultado, a grande maioria dos judeus que vivia em Espanha tinha fugido para Portugal e, depois de 1496, quem tinha possibilidades de sair do país também fugiu. Só que, neste caso, os não católicos estavam em muito má situação pois, naquela época, só podiam fugir através de Espanha (e qualquer judeu apanhado em Espanha era logo preso) ou por mar, o que era extremamente dispendioso.

Assim, só os judeus que tinham bens ou os mais qualificados podiam ir-se embora. E foi o que muitos fizeram, deixando D. Manuel sem os principais financeiros e sem pessoal qualificado para diversas atividades. Por esta razão, em 1498 D. Manuel I mandou publicar uma nova lei de acordo com a qual todos os não católicos eram obrigados à conversão, ou seja, deram-se as conversões forçadas,

OS JUDEUS EM PORTUGAL

por Eliseu Alves



A presença dos judeus em Portugal é anterior à fundação da nacionalidade. A destruição da cidade de Jerusalém (ano 70) e a consequente diáspora judaica, levou os judeus a procurarem um novo lar, em todo o mundo romano.



VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS



Vestígios arqueológicos comprovam a existência de comunidades judaicas na Península Ibérica desde o século IV. No ano de 2012, uma equipa de arqueólogos de uma universidade alemã encontrou em São Bartolomeu de Messines, Silves, uma placa em mármore onde se encontrava a inscrição *Yehiel*, que os investigadores pensam tratar-se de uma inscrição de uma placa funerária. As análises em radiocarbono, efetuadas a umas hastes de veado encontradas junto da placa, permitiram datar o achado, de um ano nunca posterior a 390AD.

Do século V, mais propriamente do ano 482AD, foi descoberta uma gravura de um *menorah* (candelabro de sete braços), considerado o elemento da cultura judaica mais antigo encontrado em território peninsular. Talvez o documento que nos permite concluir, com pouca margem de dúvida, acerca da presença de comunidades judaicas na Península Ibérica desde, pelo menos, o século IV da nossa Era, é o documento emanado do concílio realizado na cidade de Elvira, do qual falaremos mais à frente.

Estas comunidades e os seus descendentes de origem ibérica são designados de **judeus sefarditas** (origem na palavra hebraica *sefarad* que designa Península Ibérica).

DA HISPÂNIA AO AL-ANDALUS



O império romano do Ocidente sucumbiu às incursões dos povos bárbaros e, em 409, Suevos e Visigodos invadem a região da Hispânia (Península Ibérica), formando-se, a norte e noroeste, o reino Suevo, com capital em Bracara Augusta e no restante território, o reino Visigodo, com capital na cidade de Toledo. Alguns anos mais tarde, os Suevos foram absorvidos pelo Visigodos que controlaram todo este território até ao

ano de 711 (invasão muçulmana).

Os Suevos, embora vencedores, adotaram muitos dos costumes e tradições dos romanos, desde a língua romana até à conversão ao Cristianismo.

O Concílio de Elvira, realizado no início do século IV, foi o primeiro

16. Menina Católica não pode se casar com judeus ou hereges, porque não conseguem encontrar uma unidade, quando os fiéis e os infiéis se unem. Os pais que permitem que isso aconteça não devem comungar por cinco anos.
49. Senhorios não são para permitir que os judeus abençoem as culturas que receberam de Deus e para que tenham oferecido graças. Tal ação faria a nossa bênção inválida e sem sentido. Qualquer um que continua esta prática

deve ser expulso completamente da igreja.

50. Se algum clérigo ou leigo come com os judeus, ele ou ela será mantida em comunhão, como forma de correção.

78. Se um cristão confessa o adultério com uma mulher judaica ou pagã, a ele é negado a comunhão durante algum tempo. Se o seu pecado é exposto por outra pessoa, ele deve completar a penitência cinco anos antes de receber a comunhão de domingo.

concílio realizado na Hispânia, onde acorreram 19 bispos de toda a Península Ibérica. Desta reunião magna, foram emitidas 81 regras ou cânones e alguns deles relacionados com os judeus, o que prova a existência destas comunidades desde, pelo menos, o século IV.

Podemos facilmente concluir que, durante este período, foram promulgadas uma série de leis discriminatórias contra as comunidades judaicas peninsulares, desde a proibição de casamentos mistos entre judeus e cristãos até à tentação de conversões forçadas, passando pelo pagamento de impostos e tributos pesados, como a *jizya*, após a invasão muçulmana.

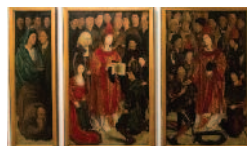
foto 6.1

Durante 500 anos a vida tinha desaparecido de Cesareia. Em 1940, os jovens israelitas fundaram neste local uma vila comunitária. Cesareia é atualmente um grande porto de pesca no Mediterrâneo onde existe até uma grande escola marítima. (Maoz-Yan)

foto 6.2

Jerusalém, Rua dos Profetas

DA PRIMEIRA DINASTIA AOS DESCOBRIMENTOS



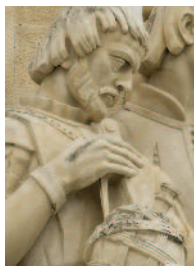
Durante o período da reconquista cristã, a comunidade judaica não vai

apenas ser tolerada como terá um papel de charneira na formação e desenvolvimento do reino. O seu conselho e influência em áreas tão abrangentes como a diplomacia, as finanças públicas e as ciências, tornam-nos personagens indispensáveis nas cortes reais.

Entre os reinados de D. João I e D. Afonso V, viveram em relativa liberdade, ocupando cargos públicos e convivendo livremente com os cristãos. Afonso V vivia rodeado de sábios, médicos e filósofos judeus, honrando-os com posições de destaque. Podemos perceber o alcance da sua importância ao verificarmos que um judeu foi retratado por Nuno Gonçalves, na pintura mais icónica da arte portuguesa – **Os Painéis de S. Vicente de Fora, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.**

A importância não se vai cingir apenas ao seu papel nas cortes reais mas também estiveram na génese do grande desenvolvimento comercial e do renascimento das cidades a partir do século XIII. O seu génio empreendedor, no desenvolvimento de múltiplas atividades artesanais e comerciais, gerou muitas invejas e descontentamento, tendo sido, por inúmeras vezes, bodes expiatórios dos vários males que atingiram as populações.

OS JUDEUS E OS DESCOBRIMENTOS



Muita da *inteligência* que está na origem da expansão marítima portuguesa no século XV é de origem judaica e não árabe como muitos manuais escolares apregoam. Os trabalhos científicos nos domínios da cartografia, astronomia e da matemática de homens como Pedro Vecinho, Abrão Zacuto e Pedro Nunes foram fundamentais, não apenas no período henriquino, mas também mais tarde com D. João II e mesmo D. Manuel I. Os massacres dos judeus em Espanha, em 1391 e a expulsão em 1492, provocaram um autêntico êxodo e, entre eles, muitos estudiosos judeus procuraram refúgio em Portugal. Segundo o cronista João de Barros, o infante D. Henrique mandou vir da ilha de Maiorca *hum ilustre Jacome, homem muito docto na arte de navegar que fazia cartas e instrumentos: o qual lhe custou muito pelo trazer a este Reyno, para ensinar sua sciencia aos officiaes Portugueses daquele mester.* Era em Maiorca, em finais do século XIV, que se concentravam os mais ilustres cartógrafos do seu tempo e entre eles a família judaica de *Abraham Cresques*. Segundo os cronistas, *Yehuda Cresques* terá sido um dos maiores cérebros dos estudos náuticos de Sagres, tendo sido encarregado pelo infante D. Henrique de elaborar as cartas de marear que registavam diariamente as observações dos navegadores portugueses.



O POGROM DE LISBOA É A NOVA DIÁSPORA

A expulsão de 1492, em Espanha, trouxe cerca de 93 mil judeus a Portugal que encontraram alguma tolerância no reinado manuelino. Por pressão dos reis católicos, a situação alterou-se a partir de 1497. De acordo com uma lei de D. Manuel, e como resultado do acordo de casamento entre D. Manuel e Isabel de Aragão, todos os judeus tinham um prazo de 10 meses para se converter ao catolicismo ou então abandonar o território nacional e ultramarino. Surgiu assim a figura de *cristão-novo*.

O Pogrom de Lisboa, mais conhecido pelo Massacre de Lisboa, veio agravar o crescente clima de antissemitismo em Portugal. Durante 3 dias na Páscoa de 1506, centenas de judeus foram acusados de serem os responsáveis pela peste que grassava pelo reino. Tudo começou no Convento de S. Domingos em Lisboa, quando um cristão, na missa, jurou ter visto o rosto de Cristo iluminado. Um cristão-novo presente, tentou explicar que o fenómeno era natural não passando apenas do reflexo de uma luz. Os frades dominicanos incendiaram a turba, prometendo a absolvição de pecados para quem matasse os hereges. A matança durou três dias. Adultos e crianças foram massacrados e queimados vivos em fogueiras no Rossio, junto ao largo de S. Domingos. Na sequência do massacre muitas famílias judaicas fugiram, nomeadamente para os Países Baixos.

Só em 1773, o Marquês de Pombal fez promulgar uma lei que extinguiu as diferenças entre cristãos-novos e cristãos-velhos, pondo fim a séculos de decretos e leis discriminatórias dos designados cristãos-novos.

A I REPÚBLICA E O ESTADO NOVO



A revolução liberal de 1820, a extinção da Inquisição em 1821 e o advento da República em 1910, vieram emancipar a comunidade judaica em Portugal, reconhecendo-lhe plena cidadania. Segundo a Carta Constitucional de 1826, *A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras religiões serão permitidas aos estrangeiros com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.* Talvez por isso a comunidade israelita em Lisboa tenha sido tratada por colónia inglesa.

A Primeira República (1910-1926) criou as condições para a legalização das comunidades judaicas. O catolicismo deixa de ser considerado religião do Estado e as outras confissões puderam praticar livremente o seu culto.

A Comunidade Israelita de Lisboa seria legalizada a 9 de maio de 1912. O judeu polaco Samuel Schwarz, engenheiro de minas que veio trabalhar para Portugal em 1915, desencadeou a chamada Obra de Resgate com o ressurgimento da Comunidade israelita do Porto e posterior construção da sinagoga Mekor Haim (Fonte de Vida), em 1934.

Entre alguns elementos da comunidade judaica que se distinguiram neste período, destacamos Alfredo Bensaúde, fundador e 1º diretor do Instituto Superior Técnico e Joshua Benoliel, pioneiro da reportagem fotográfica em Portugal.

O Estado Novo, nomeadamente durante o período da II Grande Guerra, debaixo da capa da conveniente neutralidade de Salazar, demonstrou uma política errática relativamente aos judeus portugueses. Situações como as de Aristides de Sousa Mendes são ilustrativas de uma política que teve custos humanos irreparáveis. Segundo Esther Mucznik, na sua obra *Portugueses no Holocausto*:

O país "salvou-se" da guerra e Lisboa tornou-se um palco de passagem para quem fugia dela. Mas o tempo veio revelar outra verdade histórica e a neutralidade portuguesa, como de outras nações, teve afinal graves custos humanos que redundaram na tragédia montada passo a passo pela Alemanha nazi: a Solução Final, plano de matança da população judaica europeia em campos de concentração. ✡



10/11 minutos
tempo previsto
para leitura

fotos site C. M. Tomar

1

2

8



UM PASSEIO PELA ARQUITETURA DAS SINAGOGAS

por Filipe Ameixa (Arquiteto)

BOM, FINALMENTE CHEGAMOS...

Foi uma viagem agradável, fizeste bem em estacionar do lado de cá do rio (Pausa) Nabão.

(Risos) Lá estás tu com as tuas graçolas...

Esse é mesmo o nome do rio... Olha, estamos bem perto da Casa dos Cubos, podíamos ir visitar o espaço.

Era uma ótima ideia se não estivéssemos cá por outra razão. É um belíssimo trabalho do Atelier EMBAIXADA Arquitectura, que inclusive ganhou o prémio Contract World Award 2009, mas deixemos essa visita para uma próxima oportunidade.

Muito bem, muito bem, então pelo caminho passamos no Café Paraíso e matamos a sede.

Sim... pelo caminho de volta (Risos).

Já estamos na rua Dr. Joaquim Jacinto, agora é subir mais um pouco... Tomar é uma cidade agradável para caminhar.

Interessante imaginar a quantidade de pessoas que ao longo dos séculos terá subido e descido esta rua... Era a antiga Rua da Judiaria.

Pois, especialmente no Séc. XIII, quando se dá um crescimento significativo da povoação de Tomar. Nessa altura os cristãos, judeus e muçulmanos conviviam pacificamente em Portugal. O nosso país era um exemplo para a Europa. Talvez por isso tenham chegado tantos judeus a estas bandas vindos de Castela, Navarra e Aragão. Muitos fixaram-se em terras raianas portuguesas. Eram possivelmente os primeiros lugares de liberdade e segurança.

Seriam também locais de rápida saída do país, no caso de haver uma repentina mu-

dança política por motivos religiosos... Alguns vieram para Tomar no final do Séc. XIV.

Deste conta que por norma a localização das judiarias se encontra nas zonas nevrálgicas das cidades?

É mesmo, e isso não era casualidade. Acontecia por causa da atividade mercantil em redor dos têxteis, das especiarias, ourivesaria... Em Tomar, isso ajudou a que os judeus tivessem uma boa relação com os monges templários.

... Era também uma relação de necessidade.

E a arquitetura revela bem essa relação, pela proximidade da localização da sinagoga com a igreja de São João Batista. Por outro lado, as igrejas tinham a função de apelar à conversão ou à devoção dos crentes. Na Lisboa do Séc. XVI, através da gravura de Georg Braun e Franz Hogenberg, vemos as antigas judiarias igualmente circundadas por templos católicos, na zona da Ribeira das Naus, na área entre as igrejas da Madalena e de S. Nicolau e perto da igreja de Santo Estêvão... Seria uma forma de afirmação no território.

Seguindo esse raciocínio, outra questão que ajudou a mudar a configuração das cidades foi o "encerramento" das judiarias. A judiaria podia ocupar apenas uma rua, ou parte da mesma, que seria isolada através da colocação de portas nos seus limites. Isso é constatável nos subtis resquícios de arquitetura e toponímia de alguns locais. O cemitério judaico em Lisboa, por exemplo, estaria localizado fora da zona habitável da cidade, por forma a evitar cortejos fúnebres através dos bairros cristãos...

A situação dos judeus em Portugal ficaria ainda mais difícil quando D. Manuel I casa

com Dona Isabel, a filha dos Reis Católicos, em 1497.

Foram forçados a sair do país... Ou passavam a ser cristãos novos...

Podemos ver as marcas que esse facto deixou na arquitetura. São por vezes quase imperceptíveis, como as ranhuras dos "mezuzais" arrancados. Os judeus colocavam na ombreira direita das portas a Mezu-záh (caixa de madeira, metal ou vidro, com um pedaço pequeno de pergaminho onde estariam escritas duas passagens da Torah). Algumas ombreiras ainda revelam as ranhuras dos "mezuzais" arrancados. Com a conversão forçada, os judeus tiveram de deixar outra marca na pedra, o desenho da cruz.

Pois é, por exemplo, na judiaria de Valência de Alcântara, em Espanha, ainda se veem uma série de cruces espalhadas pelas ombreiras das portas devido à cristianização.

Entretanto, Dom Manuel ficou alarmado com o elevado êxodo de judeus e fechou os portos.

Verdade, assim surgiu o Marranismo, isto porque muitos judeus continuaram as suas práticas religiosas em segredo, nas suas casas. Diz-se que os judeus de Belmonte conseguiram preservar as tradições graças à localização da cidade. Talvez fosse difícil aos inquisidores o acesso àquele território. O judaísmo foi mantido por tradição oral, pelas mulheres velhinhas, as avós. Elas é que transmitiam as tradições, faziam dessa forma porque não podiam ter nada escrito. O núcleo Marrano de Belmonte era único no mundo, foi o Eng^o Samuel Schwarz que revelou esta comunidade secreta, depois da 1^a Guerra Mundial.

Ainda assim, foi sendo possível a convivência entre cristãos e judeus. O pequeno cemitério, na parte antiga da cidade, testifica essa

realidade. É um dos escassos sítios do mundo onde encontramos cristãos e judeus sepultados lado a lado.

... Estamos quase... Que rua simpática esta... Olha, lá está o nº 73. Entramos?!

Vamos a isso! Cuidado com os degraus...

Boa tarde Sr. Luís Vasco, passou bem? ... Obrigado, prazer em vê-lo!

Aprecia bem este espaço incrível! Há tanta história aqui.

É de meados do Séc. XV esta sinagoga, e é uma das mais antigas da Europa. Foi construída de propósito para cultuar, mas funcionou durante pouco tempo como casa de oração, cerca de 40 ou 50 anos. Depois foi tendo várias utilizações, foi prisão, capela e até armazém. Só quando Samuel Schwarz a comprou, em 1923, voltou a ter uma utilização mais concernente com a história judaica. Agora, como sabes, é o Museu Luso-Hebraico de Abraão Zacuto, em memória do prestigiado matemático e astrónomo do Séc. XV. Em 1985, quando fizeram escavações arqueológicas, descobriram um outro espaço deste sítio, o balneário.

Interessante, parece que esse “recurso”, quero dizer, a versatilidade, foi muito frequente nas sinagogas. Foi consequência de um rápido crescimento demográfico, houve um grande fluxo de refugiados judeus que chegaram ao nosso país entre 1391 e 1492. Isso despoletou carências urbanísticas, que resultaram não só na necessidade de se edificar de raiz, como de adaptar ou aumentar os espaços religiosos das comunidades judaicas. Também se adaptavam espaços de habitação comuns, como é o caso da sinagoga de Bragança, cujo piso térreo era um curral. Essa era de resto uma prática bem comum em Portugal. Também era uma prática corrente de outras comunidades judaicas inseridas nos restantes reinos cristãos ibéricos. Aliás, foram raros os casos portugueses de sinagogas construídas de raiz. Assim, foram surgindo espaços de culto menos monumentais, na verdade eram frequentemente bem singelos.

Sim, e entretanto estes vários modelos de sinagoga iam servindo simultaneamente diversos propósitos, eram uma espécie de espaço comunitário misto. Este edifício é um ótimo exemplar dessa realidade, porque além ter sido um local de culto aqui funcionou também a Câmara de Vereação da Comuna, o Tribunal, a Escola... Depois do abandono, as sinagogas voltaram a ser usados para outros fins. Algumas passaram a ser igrejas, mas apenas quando a monumentalidade dos edifícios o justificava. A verdade é que na maioria das vezes as sinagogas foram transformadas em casas de habitação, tanto por cristãos-novos como por cristãos-velhos. Ou foram destruídas...

... Por exemplo, esta sinagoga era maior... No século XVIII construiu-se um palácio, e as salas que serviam de escola e de espaço das mulheres foram demolidas. A fachada era diferente e a entrada fazia-se por outra porta. Consta que se entrarmos pela porta 71B conseguimos ter um vislumbre de como seria a entrada dos homens para a sua sinagoga. Conseguimos ver a antiga porta de arco quebrado, que fazia a ligação entre a sala de orações e o vestíbulo contíguo, a nascente.

Ah, então a sinagoga que hoje conhecemos é a sala onde os homens faziam as suas orações...

Certo, a sala destinada às mulheres situava-se à frente do vestíbulo, era de onde podiam assistir às cerimónias. Por cima dessa sala e do vestíbulo existia ainda um piso assoalhado. Era um espaço utilizado para o estudo e outras atividades que serviam de apoio à comunidade.

Pois, as sinagogas maiores, “a sinagoga central”, as situadas nas grandes cidades, faziam parte de uma estrutura complexa, onde existia um espaço para o ensino das crianças, outro para o estudo avançado, uma biblioteca, sítio para banhos rituais, e mais uns quantos espaços de apoio. Nas sinagogas secundárias, ou de vilas mais pequenas, essa complexidade de espaços não era obrigatória e era até pouco provável que existisse. O mesmo se verificava em relação à sala das mulheres, principalmente nas sinagogas de menores dimensões, integradas nas judiarias das grandes cidades.

Ou nas sinagogas das comunidades mais pequenas, onde os homens ocupariam a parte da frente da sala e as mulheres a de trás...

...Realmente este espaço é incrível! Tem uma certa grandiosidade...

Não tem uma área muito grande mas o espaço é coeso, unificado. A planta quadrada contribui para essa noção, mede aproximadamente 9,5 metros de comprimento e 8,2 metros de largura. Também ajuda o facto de ser uma área inteiramente abobadada. Depois há a verticalidade, a sinagoga é relativamente alta, tem cerca de 8 metros de altura e tem colunas bastante esguias.

Isso confere-lhe uma volumetria cúbica, mas essa noção é imperceptível pelo exterior porque existe uma sequência nas fachadas ao

longo da rua. Só quando entramos no edifício percebemos que o pavimento foi rebaixado. Outros templos judaicos da península ibérica seguiram a estratégia de rebaixamento do piso.

É que as sinagogas não podiam ser mais altas que os edifícios vizinhos e desta forma aumentavam o pé-direito sem infringir as normas.

Também era habitual estes templos serem antecidos por um pátio. Por exemplo, a sinagoga de Córdoba tem um pátio, depois um vestíbulo e de seguida a sala de orações utilizada pelos homens. Por cima do vestíbulo existe uma galeria superior reservada às mulheres...

Vale a pena visitar essa sinagoga.

Consta que os templos de planta quadrangular, centralizada, coexistiram com o modelo basilical, de planta longitudinal, mas o primeiro foi bem menos frequente na Península Ibérica. Ainda assim, o modelo utilizado na sinagoga de Tomar verificou-se noutros pontos da ibéria, com dimensões aproximadas de planta. A justificação está nas restrições impostas pela legislação cristã, é que as sinagogas deveriam expressar um certo recato em termos de dimensões. Também importa referir que havia uma considerável escassez de espaço livre dentro das judiarias.

É verdade que ambos modelos possibilitavam a existência de sinagogas com uma ou três naves, mas eram raras as situações com um número superior.

Repara que interessante... Estruturalmente não se utilizam os arcos em pedra, aqui em Tomar. Recorreu-se ao tijolo para a construção do abobadamento... Os pés das abóbodas de aresta são estreitos e assentam directamente nos capitéis. A unificação do espaço parece convidar à concentração na Bimah.

A plataforma no centro da sinagoga a partir da qual se lê a Torah e se dirige a liturgia.

Exato...

... O Sr. Luís Vasco disse-me que as quatro colunas são uma característica das construções sefarditas.

Dos judeus provenientes da península Ibérica...

Sim, em especial dos portugueses. Os capitéis, no topo das colunas, representam simbolicamente Sara, Rebeca, Lea e Raquel, as quatro matriarcas de Israel. A planta quadrangular também se enquadra no modelo sefardita, que costuma ter entre oito a dez metros cada lado, estando localizada no espaço central entre colunas a zona da Bimah.

Os capitéis suportam as abóbadas do tecto que assentam nos pilares, nas paredes não há colunas, por isso o peso das abóbodas é suportado por mísulas.

Dá a sensação da abóbada estar simplesmente suspensa sobre as quatro colunas. Acentua bastante a leveza da cobertura...

As mísulas são doze, e representam as doze tribos de Israel...

São de ordem jónica. Têm outra particularidade, são o primeiro registo conhecido da reintrodução de uma das ordens clássicas no nosso país... Depois da queda do império romano tinham caído em desuso.

Reparaste que as janelas e frestas estão bastante altas?

Isso era para evitar as espreitadelas de quem passava na rua, mas a janela mais pequena, a que tem grades, que está mais baixa que as outras, essa só foi aberta quando transformaram a sinagoga em prisão.

Então espreita ali para os cantos das paredes...

Hei, chega para lá esse bigode...

(Risos) sabes bem que está na moda.

Deixa então crescer uma farfalhuda barba judia (Risos).

Ah, não, isso são assuntos mais sérios, são assuntos da Torah.

...Vês os buracos?

Sim, nos quatro cantos da sala, dois em cada canto.

Assinalam a colocação de bilhas de barro no interior da parede... Serve para aumentar a capacidade acústica do espaço. O som faz eco no interior das bilhas... Eram as "colunas de som" de antigamente (Risos)

É muito interessante...

...Há pouco falávamos da relação dos judeus com os cristãos, sabias que esta sinagoga tem uma espécie de irmã gémea? É a cripta da igreja do castelo de Ourém, onde está sepultado D. Afonso, IV conde de Ourém, neto de D. Nuno Álvares Pereira e do rei D. João I. Com o terramoto de 1755, quase toda a igreja foi destruída, restou aquela sala subterrânea. Os capitéis e mísulas

são praticamente iguais aos desta sinagoga, e também tem as distintas "colunas de som" nos cantos das paredes (Risos).

Já viste, é um privilégio poder visitar este espaço, até porque são bem escassos os elementos associados a sinagogas medievais portuguesas que perduraram.

Exato, são poucas as evidências materiais consistentes referentes à arquitetura judaica portuguesa. Existem poucos dados concretos no tocante à organização das plantas, volumetria, estrutura e decoração dos edifícios. A sinagoga de Tomar é uma exceção, e existe também a hipotética sinagoga de Castelo de Vide. Digo hipotética porque a sua catalogação está longe de ser consensual. Um dos pontos que não reúne consenso é o nicho ou armário de pedra embutido na parede virada a leste, que eventualmente serviria para guardar a Torah e os utensílios da liturgia. Vários investigadores classificam esse nicho como um simples elemento de uso cotidiano, sem fins sacros mas meramente utilitários e seculares.

Há quem diga que as duas portas em arco de ogiva, que estão lado a lado no piso superior, são evidência do costume de diferenciação de géneros seguido nas sinagogas. As mulheres reunidas numa das divisões e os homens na outra. Na parede virada a nascente, na zona da divisão reservada aos homens, está embutido o tal armário pétreo que poderá corresponder ao aron ou hekhal.

A linguagem arquitetónica de ambos os edifícios é muito particular. É bem diferente dos modelos mudéjares e islâmicos utilizados noutros reinos ibéricos, que são caracterizados por uma grande riqueza ornamental, especialmente durante os séculos XIII e XIV. Não subsiste nenhum vestígio desse tipo de decoração associado a Portugal.

...É que boa parte dos refugiados que chegaram até cá eram provenientes de comunidades ibéricas bastante influenciadas pela cultura asquenaze e italiana. Isso ajudou, de certa forma, a distanciar a arte judaica por-

tuguesa dos tradicionais modelos do "mudéjarismo judaico".

Pois é, a sinagoga de Tomar pauta-se por uma linguagem bem depurada, bastante minimalista e com uma elegante sobriedade...

É um gótico tardio despojado, também designado como linear, com uma simbologia de forte caris neo-estóico e que tem como resultado uma linguagem decorativa estritamente geométrica. É uma arquitetura cujas referências passam pelas molduras dos vãos, pelos pilares, ou outros "elementos geometrizes", onde através do traçado de linhas paralelas ou concêntricas, e de técnicas como a utilização de várias espessuras, chanfros, ressaltos, entre outras, expressam a "forma essencial" do elemento que decoram. Teve maior expressão em Portugal, entre as décadas de 1420 e de 1480.

... Denota uma evidente adesão à linguagem arquitetónica que se utilizava nos edifícios civis e religiosos cristãos.

Ainda assim, não existem muitas obras de referência desta arquitetura em Portugal. Talvez o melhor exemplar seja o portal principal da igreja de Santiago, em Palmela.

Não é só por cá que esses vestígios são escassos. Por exemplo, no reino de Aragão, em particular na Catalunha, existem poucos elementos arquitetónicos remanescentes. Aí também se verifica uma maior proximidade com a arquitetura cristã gótica do que com a mudéjar, de tradição islâmica.

Ou seja, a linguagem mudéjar que encontramos em Castela nos séculos XIII e XIV, com forte incidência nas sinagogas de Córdova e Toledo, não tem paralelo com o que se verifica nas épocas posteriores e noutros locais da península ibérica...

É isso...

Mas que bela visita!

É mesmo...

E agora?

Então, agora que já estivemos na sinagoga, passamos pelo Paraíso!

(Risos)  (ver bibliografia na pag. 10)

1 O que é a Teologia Dispensacionalista? Quem foi John Darbi ou Edmond Allenby?

2 Qual deve ser a atitude de um Filho de Deus, que nasceu de novo pela fé em Cristo, para com os Judeus?

3 Quem foi Theodor Herzl, Eliezer Ben Yehuda ou David Ben Gurion?

4 Qual deve ser a nossa atitude perante o ódio do mundo ao Povo de Israel?

5 O que quer dizer "Judeu Sefardita"? Que influência tiveram os Judeus nos descobrimentos portugueses?

6 Quem foi Alfredo Bensaúde ou Joshua Benoliel? Que outros Judeus ilustres nasceram ou viveram em Portugal? O que faziam?

7 O que é um Mezuzáh? Onde era colocado? Porque é que as Judiarias eram construídas em zonas nevralgias das cidades?

8 Entre 1391 e 1492, e durante a II Guerra Mundial, milhares de Judeus chegaram a Portugal. Vindos de onde? Quais os motivos?

9 Já visitou alguma sinagoga em Portugal? Porque não num passeio de Igreja? Marque uma visita guiada.

PARA REFLETIR A SÓS OU EM GRUPO

Desde a página 3 à 15 propomos a reflexão sobre um tema da atualidade. Deixamos aqui uma série de questões como ponto de partida para esta reflexão.

4ª LIÇÃO

LIÇÕES 4 E 5 DE UMA SÉRIE DE 8 “O QUE PODE A IGREJA FAZER PELOS NOVOS CA- SAIS QUE VÃO SER PAIS?”

Exercícios de relaxamento e postura e atitudes a tomar

É especialmente bonito olhar as vossas barriguinhas e perceber como os vossos bebés estão a crescer, é lindo, muito lindo. É realmente um tempo e uma experiência únicos. Provavelmente, durante estas semanas que têm passado, houve tempo para alguma tensão acerca de como vai ser quando chegar o bebé. Alguns comentários que se ouvem, como por exemplo:

“aproveita agora para descansar que depois as noites são todas perdidas”, “nunca mais vais ser livre”, “quem tem filhos tem cadilhos”, entre outras. Esta é realmente a altura para aprender a fazer alguns exercícios mentais e de coração para relaxar e desfrutar deste tempo único. Li recentemente que o relaxamento em si previne dores e lesões. Este tema, acerca do qual escrevo, tem como objetivo evitar as “dores e lesões” no vosso casamento. Então quais os exercícios que devemos fazer?

1. Criar o hábito de ser feliz

Uma vez ouvi uma analogia quase perfeita para criar um casamento e uma família feliz. Num voo, a hospedeira de bordo avisou os passageiros para apertarem o cinto porque estavam quase a aterrar. Um passageiro que percebia do assunto explicou que a coisa mais importante na aterragem era a postura do avião. A postura depende do nariz do avião, se estiver demasiado alto ao aterrar baterá com o nariz violentamente no chão. Se estiver muito baixo, perde o controlo por causa do excesso de velocidade na aterragem. O truque é assumir uma postura correta apesar das condições atmosféricas, disse ele.

O truque então é assumir a postura correta apesar das circunstâncias em que nos encontramos. Às vezes há turbulência na nossa caminhada conjugal, podemos optar por nos deixar derrotar ou passar por ela e sair felizes. A chegada de um filho traz muitas alegrias, mas muitos desafios também, precisamos de estar preparados.

O ponto aqui é que os casais felizes decidem que serão felizes apesar dos problemas que a vida lhes pode apresentar. Eles sabem transformar a felicidade num hábito.

A felicidade no casamento não depende da sorte, mas sim da vontade, então desenvolva a vontade de ser feliz. Como é que vai fazer isto? Simples! Só será feliz se o seu cônjuge for feliz. Então faça tudo para que o seu cônjuge seja feliz. Seja criativo/a. Quando fizer este exercício evite os sabotadores de uma união feliz, entre eles: o veneno da autopiedade e a culpa e o ressentimento.

C.S: Lewis disse: “A alegria é o assunto mais sério do céu. Cultive a alegria.”



por
Leta Farinha

2. Criar o hábito de uma boa comunicação no casamento

Se para termos saúde e evitarmos dores e lesões necessitamos de exercício e boa postura, para termos um casamento sadio necessitamos também de exercitar o hábito de uma boa comunicação.

A base para uma boa comunicação não depende de uma lista de regras, mas daquilo cada um é. Não podemos deixar de falar aqui no nosso guia por excelência. A Bíblia diz: Aquele que está em Cristo é nova criatura, as coisas velhas passaram e tudo se fez novo, 2ª Cor. 5:17.

Todos nós nascemos com uma natureza basicamente pecaminosa. É mais fácil fazer o que é er-

rado e pecaminoso, do que o que é bom e justo. A educação e a cultura podem desenvolver em nós alguns sinais exteriores de bom comportamento, mas a natureza má, só Jesus pode transformá-la.

Para obter uma comunicação rica e solidez no casamento é necessário que existam três elementos neste “exercício”: cordialidade, franqueza e empatia.

EXERCITE CADA UM DA SEGUINTE FORMA:

• Cordialidade.

O seu cônjuge trouxe para o casamento características que você agora não gosta muito. A essência da cordialidade é desconsiderar um defeito em favor da beleza que se esconde atrás dele. Aceite o seu cônjuge como ele é. A cordialidade favorece a confiança e evita que o outro tenha de mudar a sua personalidade para ser o que você quer que ele seja. Só Deus muda as pessoas, Ele faz novas criaturas.

• Autenticidade.

Não são exatamente as palavras que expressam a nossa autenticidade. O modo como o dizemos é muito importante – com um sorriso, um dar de ombros, franzindo a testa ou olhando fixamente. A comunicação não-verbal é responsável por 58% de toda a mensagem, o tom de voz conta com 35% e as palavras em si representam apenas 7% da mensagem total. Podemos usar todas as técnicas de comunicação do mundo, mas se não forem autênticas, não funcionarão. A autenticidade é algo que você é, e não que você faz. Ela vem do coração e não das mãos.

• Empatia

Poucas palavras descrevem o que é empatia. A melhor maneira de não magoar o seu cônjuge, é pôr-se no seu lugar. Isto é empatia. Ver o mundo pela perspectiva do outro.

Estes exercícios só funcionam se os pusermos em prática. Não necessitamos de um equipamento especial para exercitar, mas necessitamos de ter um coração aberto e veremos o resultado na nossa vida familiar. Os primeiros a desfrutar do resultado somos nós. Somos felizes quando sabemos fazer os outros felizes.

5ª LIÇÃO



Analgesia

Analgesia é a privação, mais ou menos completa, da sensibilidade geral, ou de um órgão em particular no nosso corpo. Vamos ser mais minuciosos, analgesia não cura. Se existiu uma cirurgia está lá a cicatriz, só que por causa da analgesia não sentimos a dor.

No relacionamento conjugal, acontece com frequência em alguns casais o tempo da “analgesia”. Quando passa o tempo de duração, vêm as dores e vêm particularmente quando estamos ambos mais sensíveis a tudo. Por que motivos é que isso pode acontecer?

- Situações do passado que não foram resolvidas, mas agora vieram à tona.
- Expectativas frustradas.
- Falta de aceitação nas diferenças.

A disposição em aceitarmos as diferenças permite que os cônjuges se complementem e melhorem as suas vidas.

Agora que vocês estão à espera do vosso filho/a e ele/a precisa de encontrar uns pais bem ajustados para o/a fazerem feliz, ele/a quer ter uma conversa com o pai:

Papá, ouve com atenção e se precisares escreve isto num papel para leres de vez em quando. Tenho uns segredos a contar-te acerca da mamã que precisas de saber antes de eu chegar.

Elas tem algumas necessidades básicas como: atenção, compreensão e respeito. Ela precisa de saber que é o número um na tua vida. Às vezes, tu esqueces-te disto porque não necessitas de tanta atenção como ela, mas ela é mulher e isto é normal mesmo.

Olha, se chegar um dia em que tiveres que decidir sair com amigos ou passar a noite com ela, ela precisa de saber que decidiste ficar com ela, não por obrigação, mas porque a amas. Ela gosta de te ouvir com frequência dizeres que a amas. Não penses só que ela já sabe, é claro que sabe, mas nunca se cansa de ouvir. Não te esqueças de, numa pausa, lhe mandares uma mensagem a dizer que estás a pensar nela. Verás que isso resulta, ela irá até encorajar-te a fazeres as coisas que realmente gostas.

Ela também precisa muito de ser compreendida. Eu sei que tu és um papá muito inteligente e quando ela te conta os seus problemas, tu já estás a dar-lhe as soluções ou o que farias no lugar dela, mas sabes, ela não gosta disso.

Ela só quer saber que tu reconheces os seus sentimentos, que a abracas e lhe digas que compreendes a sua frustração em relação ao assunto. Sabes, algumas vezes ela precisa de ser abraçada sem tu estares a pensar em sexo.

Olha, papá, ela também gosta muito de ser respeitada, não tentes modificá-la. As suas necessidades, valores e direitos podem até parecer estranhos, mas são importantes para que nós, como família, sejamos felizes. Vou contar-te uma história acerca da mamã de um amiguinho meu: Na casa dela, antes de ela se casar, o seu papá abria as portas do carro quando ela ou a mamã dela iam entrar e ela deliciava-se com isso. Quando se casou o papá do meu amigo não fazia isso. Ela pediu-lhe que o fizesse porque isso lhe dava tanto prazer, mas ele nunca levou a sério e ela é tão infeliz. Olha papá, pequenas coisas fazem as mamãs felizes. Encoraja-a nos seus sonhos, não tens nada a perder. Diz-lhe que a apoias e que ela é muito importante para ti. Vou apreciar-te a fazeres isto. É só isto. Agora preciso de ir conversar com ela e ajudá-la. Um beijinho papá.

Olá mamã, estás tão quentinho aqui dentro. Vim agora de ter uma conversita com o papá e foi bom. Ele ama-me e quer que eu seja feliz, então eu acho que ele vai ter em conta os meus pedidos. Este tempo todo, desde que vim morar na tua barriga, tenho estado a apreciá-lo e ele é fantástico. Estou feliz que o tenhas escolhido para ser o meu papá, mas precisas de saber algumas coisas acerca dele para ser tudo quase perfeito, porque não há ninguém no mundo que desempenhe um papel tão importante na vida dele como tu.

Ele é do tipo de pessoa que precisa de ser admirado. Procura situações em que podes admirá-lo. Olha, quando ele cozinhou aquele frango podias ter dito: “Uau meu amor, que frango delicioso, estou orgulhosa de ti”. Sê sincera com ele, mas procura as coisas em que ele é bom para o elogiá-lo, ele gosta disso. Se não o fizeres ele pode até perder a vontade de o fazer.


Ele precisa de autonomia. Ele não gosta muito que tu resolvas os seus problemas. Ele sente-se bem a planear como resolvê-los, é uma necessidade masculina universal. É mesmo assim não leves a mal. Ele não é do tipo que deseja ser consolado ou afagado. Quando ele está a tentar resolver por si mesmo um problema e tu quiseses falar com ele, pergunta se é uma boa hora para interromper. Pode ser que te diga que precisa de mais cinco minutos. Autonomia implica tempo para se recompor.

Sabes, ele precisa de fazer programas juntamente contigo. Isso dá-lhe alegria. A maioria dos papás dá grande importância à companhia das mamãs em atividades recreativas. Algumas das tuas preferências têm pouco em comum com as do papá, mas tu és criativa e podes fazer disso momentos divertidos e relaxantes com ele. Não precisas de fingir, aprende a gostar. O que é que achas de fazeres uma lista dos interesses dele e o surpreenderes convidando-o para alguma atividade? Se souberes atender à necessidade de companhia do papá, vocês não serão só marido e mulher, mas serão os melhores amigos e é isso que eu desejo para os meus papás. É tudo por hoje mamã. Este pontapé é a forma carinhosa de te dizer que te amo. Vejam se conseguem pôr isto em prática antes de eu chegar.

Atenciosamente, **Bebé.**

Começamos a falar acerca de analgesia. Analgesia no relacionamento conjugal pode ser como uma injeção de amor que precisa de ser levada, diariamente, em cada atitude que temos para com o nosso cônjuge. Nas “conversas” do bebé, são abordadas questões bem simples, mas que se não forem levadas em conta podem trazer algumas “dores” no relacionamento conjugal e, conseqüentemente, problemas para os filhos. Pesquisas feitas provam que quanto mais felizes forem os pais e mais se amarem, mais bem-sucedidos serão os filhos.

Na Bíblia, no livro de Provérbios está escrito: “Os propósitos do coração de um homem são águas profundas, mas um homem de inteligência sabe descobri-las” (Prov. 20:5).

Quando Deus nos criou, fez-nos cheios de potencial para sermos felizes. O potencial é como um solo. Precisa de ser trabalhado e nutrido para produzir fruto. 

OLIVEIRA

entrevista OLIVEIRA

2ª PARTE
conclusão

INTRODUÇÃO

Continuamos neste número uma série de entrevistas que visam conhecer melhor alguns irmãos que conosco se cruzam na igreja, tomam por vezes a Santa Ceia ao nosso lado, vemo-los em retiros, congressos, encontros, etc, sem ter a menor ideia de um pouco da sua história de vida, de um pouco do seu testemunho, e por vezes nem temos muito bem a certeza do seu nome.

Não são entrevistas a VIPs nem JETSETs. São pessoas que ao longo da sua vida têm revelado as suas convicções profundas, o seu amor pelos outros e pelo ministério. Por isso achamos que seria interessante continuar a dá-los a conhecer nestas páginas, porque muitas vezes um testemunho de vida vale tanto ou mais que uma pregação.

Esta é a segunda e última parte de uma entrevista que o **Jorge Oliveira** fez ao **José Carlos Oliveira**.

Esperamos que seja do seu agrado e que de alguma forma possa contribuir para o seu crescimento.

pela Redação

NOTA: toda a entrevista foi originalmente gravada em MP4, tendo sido transcrita para word por Carlos Lacerda



J.O. - Depois da tropa na Guiné, lembreste como era o José Carlos nessa altura, quantos anos tinhas?

J.C. - Regressei com 23 anos, convencido que ia voltar para a Guiné para lá servir o Senhor. Os irmãos guineenses ficaram a orar nesse sentido. Eu já tinha escrito à Zulmira (a minha namorada na altura) perguntando-lhe: "Imagina que o

Senhor um dia me manda para a Guiné, tu virias?" Porque se ela dissesse "nem pensar!", eu iria considerar se valeria a pena continuar a namorar com ela. Mas ela disse: "Se o Senhor mandasse, claro que eu iria. Mas estou convencida que tu fazes falta cá e não aí." E ela tinha razão. Tanta razão ela tinha que já estou na igreja de Leça da Palmeira há quarenta e sete anos.

J.O. - Casaste com a Zulmira...

J.C. - ...casei, estando na altura a trabalhar para um crente - o irmão Celestino Ribeiro da Silva, membro da Igreja Batista da Cedofeita (um homem de Deus excepcional) -, até que o Senhor chamou-me para ser obreiro a todo o tempo.

J.O. - Conta-me como foi que isso aconteceu. Como surgiu a oportunidade de seres obreiro a tempo inteiro?

J.C. - Na altura existia o sucedâneo da CIIP que era a CIEP (Comu-

Com a família (as filhas ainda pequenas).



Com a Mulher e companheira.



nhão das Igrejas Evangélicas em Portugal), e foi por meio da CIEP que fui convidado para ser obreiro. Depois de orarmos, eu e a Zulmira achamos que devíamos dizer sim e avançamos. Durante vários anos estive nessa condição e a Zulmira trabalhava secularmente, que foi a base do nosso sustento, porque em termos de sustento de obreiros em Portugal no movimento dos irmãos, é como sabemos.

J.O. - E as tuas duas filhas?

J.C. - Nasceram depois de eu ser obreiro a tempo inteiro. Na cerimónia da nossa consagração como obreiros (que decorreu no CBE), a Zulmira estava grávida da Lídia. A Sara nasceria cinco anos depois. É claro que com as duas filhas as despesas aumentaram bastante e as dificuldades financeiras também.

J.O. - Tempos difíceis em termos financeiros.

J.C. - Difíceis mas abençoados.

J.O. - Fala-me dos acampamentos. Até por experiência pessoal, sei que tu marcaste muito as pessoas que passaram pelos acampamentos, no Centro Bíblico de Esmoriz e em outros lugares.

J.C. - Os acampamentos surgem em resultado de eu ter liderado, pela graça de Deus, o movimento de jovens que na altura preencheu um vazio que existia aqui no Norte.

J.O. - O chamado “Jovens Irmãos do Norte”?

J.C. - Não, antes desse grupo houve o grupo “Ele Ressuscitou”, que era uma união dos jovens da igreja de Leça e da igreja de Pereiró. Fizemos logo reuniões ao ar livre. Viviam-se o pós-revolução do 25 de Abril (1975/76) e as pessoas estavam tão curiosas, que bastava tu começares a tocar uma viola e cantar, até sozinho, em qualquer parte do Porto e juntava-se logo uma multidão.

J.O. - Tempos revolucionários... e como bons protestantes, vocês aproveitaram a oportunidade.

J.C. - Graças a Deus que aproveitámos. Distribuámos milhares de fo-

lhetos e realizámos muitas reuniões e manifestações ao ar livre anunciando Jesus Cristo.

Depois surgiu o grupo Beraca aqui na igreja de Leça, que foi um grupo que, em termos musicais, marcou. Claro que isso deu-me alguma visibilidade, não que eu a tenha procurado, mas aconteceu. Portanto os acampamentos surgem um bocadinho em reflexo disso tudo. Estive muitos anos a dirigir os acampamentos em Esmoriz e cooperei com outros também.

J.O. -- Muitas conversões, muitos jovens a decidirem-se pelo ministério e também muitos jovens a casar.

J.C. - Sim, pela graça de Deus. Quanto a casamentos, não sei quantos jovens (e menos jovens) eu casei. Posso dizer que foram muitos e até já tenho no meu currículo casos em que, para além de ter casado os pais, casei também os filhos (estou a ficar velhote).

J.O. - Foste um dos fundadores do “Refrigério”, como é que tudo começou?

J.C. - O meu desejo, bem como o de outros irmãos, foi sempre termos um jornal com alguma qualidade, que prestigiasse o movimento dos irmãos em Portugal. Portanto, sugeri que se criasse o Refrigério e os dirigentes de várias igrejas do Norte (reunidos na saudosa Livraria Esperança) aprovaram a ideia por unanimidade. Depois de vários anos no cargo de director, apoiado por vários irmãos, surgiu a oportunidade de ir para a rádio. Com certeza que vais querer saber sobre isto.

J.O. - Sim, ia perguntar-te como foste parar à Rádio Clube de Matosinhos.

J.C. - Estava-se numa altura em que as denominadas “rádios locais pirata” existiam em grande quantidade. Em Matosinhos existiam umas três. A mais ouvida era a Rádio Clube de Matosinhos e eu e o irmão Manuel Teixeira resolvemos ir lá sugerir um programa evangélico. Falamos com o director e até estávamos dispostos a pagar qualquer coisa se fosse necessário. O director aceitou o programa

Nas funções de radialista.



Com a família (todos já adultos).



mas não quis dinheiro. Passámos então a ter um espaço semanal, de quinze/vinte minutos, onde pregávamos o Evangelho. Entretanto, ele e a esposa começaram a gostar do meu trabalho, diziam que eu tinha uma voz muito radiofónica.

J.O. - Disso não há dúvidas (risos).

J.C. - Eles diziam que eu podia fazer outras coisas lá e comecei a fazer realmente rádio. A gostar mesmo de fazer rádio. Para resumir a história, acabei realmente a trabalhar naquela rádio estando a meu cargo, sobretudo, a informação. Tirei mesmo um curso de informação em rádio. Mas também fiz televisão. Idealizei, realizei e apresentei vários programas “Caminhos” para a RTP 2. Um deles foi uma entrevista ao Evangelista Dr. Luís Palau.

J.O. - O que é que pensas da comunicação social em Portugal actualmente?

J.C. - Está numa encruzilhada, porque, vamos lá ver, por um lado quer-se que os órgãos de comunicação social sejam isentos e independentes, por outro lado criam-se grupos de comunicação social onde vários interesses se movimentam. Aqueles órgãos de comunicação social que querem manter a independência, também precisam dos grandes grupos económicos, sobretudo para obterem publicidade. Apesar das dificuldades eu espero que alguns consigam manter-se isentos e independentes.

J.O. - Passemos a outra pergunta, qual é a tua opinião sobre as igrejas evangélicas em Portugal, nomeadamente das igrejas chamadas dos “irmãos”?

J.C. - Acho que continuamos, em termos de igrejas de uma forma geral, com uma tendência para nos acantonarmos e isolarmos da sociedade. Sempre que nos pronunciamos, regra geral, fazemo-lo para condenar. Perdemos mais tempo a apontar os defeitos da sociedade do que a apontar o caminho da salvação.

J.O. - Mas certamente que concordas também que se tem de falar

de pecado, inferno e outras temáticas que, porventura, em alguns círculos já não se fala dos púlpitos.

J.C. - Temos que falar, com certeza. O evangelho só é necessário “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”, e se não destacarmos este aspecto não faz sentido nenhum anunciarmos o evangelho. Não estou a ser contra isso e sim contra a maneira, do meu ponto de vista, errada, de o fazermos. Os cristãos não devem ter uma atitude de juízes e sim de alguém que, uma vez salvo, pode explicar às pessoas como elas também podem ser salvas. Devemos falar com compaixão e amor, sem condenar e lembrando que é apenas Jesus que pode salvar e transformar.

J.O. - Qual é o maior perigo das igrejas neopentecostais? Algumas delas têm crescido muito, não só em Portugal, estou a falar da IURD e outras. Qual é o maior perigo para as outras igrejas evangélicas. Será que elas são igrejas evangélicas?

J.C. - Tenho dúvidas que sejam igrejas evangélicas. Quando se sabe que algumas dessas igrejas parecem preocupar-se mais com a parte material das pessoas do que com a parte espiritual; quando se nota que essas ditas igrejas, como já alguém disse, se preocupam mais com “a lã e a carne das ovelhas” do que com as “ovelhas”, estamos conversados. Precisamos ter em conta que o evangelho que temos na Palavra é o evangelho da graça de Deus e não o da prosperidade. Mas eu penso que essas ditas igrejas vão caindo no descrédito (nalguns casos isso já está a acontecer). Acabarão por permanecer aquelas que, verdadeiramente, são fiéis à Palavra de Deus.

J.O. - O que pensas do grande sucesso das redes sociais e o relacionamento dos crentes com elas. São um perigo ou uma oportunidade para os crentes?

J.C. - É um fenómeno inevitável, não vale a pena lutar contra ele. De resto muitos (mesmo os não crentes) dão-lhes bom uso.

J.O. - Sei que usas regularmente as redes sociais.

J.C. - Sim uso, e procuro usar para a glória de Deus. Eu acho que se

Na direcção da cerimónia de um dos muitos casamentos.



Num dos muitos serviços de baptismos.



os crentes as usarem para glória de Deus elas podem ser úteis, porque o Diabo também as usa e de que maneira...

J.O. - Em que sentido é que o Diabo as usa?

J.C. - Olha, às vezes usa-as colocando os crentes a discutirem uns contra os outros e isso à vista de crentes e não crentes.

J.O.-- O que pensas desta dependência dos jovens (e não só) dos telemóveis e das novas tecnologias? Será que essa dependência corta a verdadeira comunicação?

J.C. - Os telemóveis (e outras tecnologias) vieram para ficar, até que surja algo mais actual. Também aqui não adianta lutar contra isso. As coisas são como são e não faz nenhum sentido que as velhas gerações persigam as novas por causa disto. O que devemos fazer é procurar ajudar as novas gerações a usar estas ferramentas para a glória de Deus. Isso faz-se dialogando e não perseguindo ou impondo as ideias.

J.O. - Sim, porque a tecnologia pode ser uma boa ferramenta se bem usada.

J.C. - Claro. O importante é, em lugar de falar contra ou hostilizar (que é muito o estilo do protestante comum), sermos sábios e positivos e dizermos: "Tens uma óptima ferramenta que podes usar para glória de Deus, espero que sejas criativo nesse uso."

J.O. - Gostava de te perguntar agora sobre liderança, sobretudo a liderança das nossas Assembleias. Fala-me de três características que um líder deve ter.

J.C. - Em primeiro lugar nunca deve esquecer que continua a ser um pecador perdoado pela graça de Deus e que é frágil. Por causa dessa fragilidade somos comparados a vasos de barro.

Uma outra característica que deve ter é a noção de que o que tem (em matéria de dons, de capacidades) deve-o apenas ao Senhor. Isto é importante para que não ande, por aí, a "puxar dos galões".

Uma terceira característica seria nunca pensar que já sabe tudo. Que continue aberto aos ensinamentos de Deus e dos outros.

J.O. - O que gostavas de fazer que ainda não fizeste?

J.C. - Olha, se calhar gostava de escrever dois livros. Um com mensagem evangelística, porque acho que, nessa matéria, não há muito por onde escolher.

J.O.-- Já começaste a escrever esse livro?

J.C. - Já tentei (risos). Eu já escrevi vários folhetos e artigos evangelísticos. Há algumas ideias que poderiam ser retiradas daí para o livro.

J.O. - Sou o primeiro a estimular-te a lançares esse teu livro.

J.C. - Noto que muitos crentes, por vezes, querem oferecer livros a amigos descrentes e não há muito por onde escolher.


Um outro livro, se calhar, seria um devocional para reunir algumas (e são muitas), meditações que escrevi para acampamentos, retiros e congressos.

J.O. - Fica aqui o desafio de escreveres, não apenas dois, mas muitos livros!

Por fim, se pudesses dar algum conselho ao jovem crente do século XXI, que dirias?

J.C. - Dir-lhe-ia que, apesar dos problemas que sempre existirão nas igrejas locais, que respeite a sua igreja local. Lembraria aos jovens, que possuem a tendência de se envolverem (e muitas vezes bem) com várias organizações e iniciativas, que não devem dar apenas "as sobras" à sua igreja local.

J.O. - Uma última pergunta: O que diz a tua careca? (risos)

J.C. - A minha careca - é uma boa pergunta -, a minha careca diz-me que Cristo devia brilhar mais na minha vida do que ela brilha. E olha que ela brilha bastante (risos). 



CONVITE A Igreja Evangélica de Sintra convida todos a juntarem-se a nós por ocasião do **75º Aniversário**.

07 de julho Feira da Esperança Vila Verde das 11h às 20h

No largo da vila, tendas de diversas atividades: saúde, A vida no tempo da Bíblia, jogos tradicionais, agricultura biológica, desporto, associações locais, junta de freguesia, velharias e artesanato, comidas diversas, atividades com crianças, literatura evangélica, exposições, teatro evangélico, música, etc.

11 de julho Concerto da Esperança com Rúben Alves ao piano, no Centro Cultural Olga Cadaval - Sintra 21h

Organização conjunta da Igreja Evangélica de Sintra e Comunidade Cristã do Algueirão.

15 de julho Dia da Esperança Culto de Aniversário - Vila Verde 10h30 Orador convidado **Alfredo Abreu** Coordenador da Rede de Voluntariado "Serve the City" em Portugal. Participa atualmente na criação de uma comunidade cristã no Centro Histórico de Lisboa.

por
Pedro Lopes

“A ESPERANÇA NÃO CONFUNDE...”

ROMANOS 5:5A

CERTA VEZ ALGUÉM DISSE, “Toda a infelicidade dos homens nasce da esperança.” Esta afirmação pode parecer muito negativa, mas num certo sentido ela é verdadeira. A infelicidade do ser humano muitas vezes é originada na esperança que ele depositou em algo que não se concretizou. Muitos tiveram esperança num filho que se iria formar, esperança em que o esposo ou esposa mudassem o seu comportamento, esperança de que obteria aquele emprego porque a entrevista correu bem, esperança que a sua equipa de futebol ganhasse o campeonato, enfim, os lugares e pessoas onde depositamos a nossa esperança são muito variados. A realidade é que acabamos sempre por sair magoados quando colocamos a esperança nas coisas erradas. O filho não se formou, o marido não mudou, não ficou com o emprego, e acabamos por sair dececionados com as pessoas e com os objetos da nossa esperança. Então, a frase tem alguma verdade quando afirma que a nossa infelicidade nasce da esperança. Mas será que toda a esperança termina em infelicidade? A resposta é não. A Bíblia apresenta-nos uma esperança que jamais desiludirá alguém.

Na sua carta aos Romanos, Paulo apresenta-nos uma esperança que não só não traz infelicidade, mas é fonte de alegria e gozo. No cap. 5:1-11, Paulo fala para aqueles que já

foram justificados pela fé em Jesus Cristo, acerca da sua esperança. Quero destacar três verdades da passagem acerca da esperança do cristão.

A PRIMEIRA é que *a esperança está enraizada no passado*. A esperança cristã não olha somente para a frente, ela olha também para trás. Nos v.6 e 8 Paulo leva-nos ao passado e mostra-nos como Deus já manifestou o Seu amor para conosco a ponto de Cristo morrer por nós quando éramos ainda pecadores. No Antigo Testamento Deus muitas vezes lembra o povo dos feitos passados e para o que já tinha sido feito por eles (p. ex. Dt 7:7-9; Salmo 136) para lhes mostrar que ainda deviam continuar a confiar n’Ele. Esta é uma verdade solene que devemos aprender e nunca esquecer, a nossa esperança tem como fundamento principal aquilo que Deus já fez por nós em Cristo Jesus. Duas coisas devem ser destacadas, o Seu Filho morreu na cruz por nós, e o Espírito Santo já nos foi dado como garantia do futuro (Ef 1:13-14).

A SEGUNDA verdade que quero destacar é que *a esperança ajuda-nos a perceber e viver as dificuldades do presente*. Paulo diz no v.3 que “nos gloriamos nas próprias tribulações”. Como é possível alguém gloriar-se por sofrer? Paulo não está focado no tipo de sofrimento ou tribulação, mas no que ela pro-

duz na nossa vida, a mesma ideia é encontrada em Tiago 1:2. A tribulação vai trabalhar a nossa perseverança, esta capacidade de se manter firme diante da dor, vai trabalhar o nosso caráter, e uma vez tendo o caráter aprovado ele produz esperança. Então, quando estamos a passar por alguma dor, por alguma enfermidade, não temos que nos alegrar com a dor, mas sim com os resultados que são produzidos em nós. O propósito de Deus para nós não é uma vida fácil e isenta de problemas, mas sim trabalhar o nosso caráter e transformar-nos à imagem do seu Filho. Depois de passado o teste do fogo abrasador a nossa esperança fica mais firme, mais sólida, mais enraizada em Deus. As tribulações do presente trabalham em nós uma esperança no futuro.

A TERCEIRA verdade é que *a esperança olha para o futuro*. No v. 3 Paulo diz que nos gloriamos “na esperança da glória de Deus”, ela olha para a frente. O cristão aprende a olhar não somente para o passado, ou para o presente, mas também para o futuro. E esta esperança no futuro, ela não envergonhará ninguém, pois o seu cumprimento é certo. E porque é que é certo? Olhemos para os v. 9-10. Paulo leva os seus leitores do passado para o futuro. Se Deus fez tanto por nós quando éramos pecadores, quanto mais agora que estamos de bom relacionamento

CONFERÊNCIA MISSIONÁRIA - VILA NOVA DE POIARES-19 DE MAIO DE 2018 POR NORMANDO P. FONTOURA

Não foi apenas mais uma conferência. Foi um tempo de informação, desafio, reflexão e trabalho espiritual (entenda-se: oração).

As várias dezenas de crentes, reunidos no Sábado anterior ao Dia de Pentecoste nas instalações da Igreja Evangélica de Vila Nova de Poiares, puderam constatar, através de relatos e testemunhos práticos, a realidade e os desafios que o mundo atual apresenta à Igreja de Cristo, num inquietante confronto com o comodismo a que nos vamos gradualmente submetendo, fruto do crescente desinteresse pela Obra do Senhor em Portugal e pelas Missões mundiais, que se vai constatando cada vez mais um pouco por todo o lado.

Esta Conferência Missionária teve por lema “Jesus entre os menos alcançados”, e foi organizada e coordenada pelo Departamento Missionário da CIIP, em parceria com a organização missionária “Operação Mobilização.”

Após a leitura do texto missionário padrão de Romanos 10, o atual presidente da Aliança Evangélica Portuguesa, irmão António Calaim, apresentou 2 irmãos (de Angola e S. Tomé

e Príncipe) que nos informaram das realidades do movimento dos Irmãos nos respetivos países, aproveitando para lançar o clamor da necessidade de ensinadores e professores de Escola Dominical para congregações que chegam a contar com centenas de crianças a frequentar as respetivas classes.

Os participantes da conferência foram abençoados com uma mensagem devocional apresentada pelo atual Coordenador do DM, o irmão António Marques, abordando a questão de Mateus 11:2-6 e desafiando os presentes com a necessidade de se assumir um Cristianismo convicto, mas também moldado por uma consciência social real, tendo em vista aqueles que sempre estão no coração de Deus: os pobres. Poderíamos resumir esta rica apresentação numa frase reveladora do seu conteúdo: “Jesus amou os não amados da sociedade.”

Todo o intenso programa foi temperado com bons momentos de louvor, graças aos jovens das Igrejas da Rocha Nova e da Madalena que, sábia e talentosamente, dirigiram a congregação em belos cânticos de adoração. O irmão Joaquim Moura dirigiu toda a assistência em dois períodos de oração, tanto em pequenos grupos como em grupo, focando-se o último nas emocionantes descrições sobre o trabalho evangelístico realizado entre os peregrinos que se dirigem a Fátima. O casal João e Natália Rodrigues provocaram em todos nós um enorme e inesquecível desafio sobre as oportunidades que



...
 a esperança cristã
 é esperança
 porque está firme
 na rocha do calvário,
 no sacrifício de Jesus
 e na Sua ressurreição
 ...

com Ele. Se Ele nos perdoou os pecados não nos salvará da ira? É este o argumento de Paulo. Mais à frente na sua carta ele tem o mesmo tipo de discurso “*Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas*” (Rm 8:32). Percebe o fluxo do argumento? Se Deus já fez algo tão grandioso como não fará o resto? Então, o futuro está certo porque temos a garantia do próprio Deus e Ele já manifestou que pode fazer tudo o que prometeu.

POR ÚLTIMO, devemos olhar para o sofrimento presente com os olhos postos no futuro. As tribulações certamente virão, mas temos que nos lembrar que “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós.” (Rm 8:18).


A ESPERANÇA CRISTÃ não é a origem da infelicidade, pelo contrário, ela é a fonte da felicidade do ser humano. A esperança cristã não está dependente de coisas ou pessoas, nem de nós mesmos, mas do próprio Deus que prometeu. A esperança cristã é esperança porque

está firme na rocha do calvário, no sacrifício de Jesus e na Sua ressurreição. Por isso podemos nos gloriar ou exaltar na nossa esperança, pois sabemos que, Aquele que já fez tanto por nós, também nos guardará até ao grande Dia.

Então, qual deve ser a nossa atitude e comportamento à luz destas verdades?


Em primeiro lugar, devemos viver uma vida humilde diante de Deus, sabendo que depende d’Ele o início e o fim da nossa salvação.

Em segundo lugar, quando formos atingidos pelos problemas desta vida como a doença, o desemprego, a morte de um familiar ou amigo, não nos deixemos levar pelo desespero, mas apeguemo-nos firmemente à esperança da nossa salvação, sabendo que se Deus já fez tanto por nós, Ele não nos desampará nos momentos mais difíceis.

E por último, nunca nos devemos esquecer que o propósito de muitas coisas más que vêm à nossa vida, embora não compreendamos o porquê de muitas delas é trabalhar o nosso caráter e refinar a nossa esperança. 

este ministério oferece, apelando às igrejas locais, que se situam na “rota” dos caminhos de Fátima, que se mobilizem para alcançar estes muitos milhares de pessoas sedentas de paz para as suas almas. Christian Pilz, líder da OM na Itália, apresentou-nos uma séria reflexão baseada na cura do paralítico (Atos 3), chamando a nossa atenção para a necessidade de, mesmo quando vamos cultuar a Deus, pararmos para olhar para aqueles que estão no nosso caminho e que nos suplicam por ajuda.

Os seminários realizados à tarde permitiram à equipa internacional da OM, presente na conferência, apresentar as inúmeras oportunidades de serviço missionário por todo o mundo. A última mensagem foi um desafio pelo atual líder da OM em Portugal, Givanildo José (Givas), trazendo um saudável “incômodo” aos presentes e oferecendo perspectivas de mobilização ativa na Obra do Senhor em Portugal e no mundo.

Louvamos a Deus por mais esta oportunidade para estarmos juntos, buscando e idealizando o nosso papel e responsabilidade na Sua Obra, ansiando que Ele chame, capacite e envie mais obreiros para a Sua seara. 



O SOFRIMENTO DOS CRISTÃOS NA ERITREIA

O povo da Eritreia vive severo sofrimento há mais de 30 anos, primeiro com a guerra de independência com a Etiópia e, depois, com um governo marxista repressivo que está no poder desde a independência em 1993. Por causa da rigorosa adesão a leis rígidas para controlar a religião, as autoridades continuam a deter os cristãos sem acusação. Não podem ter acesso a Bíblias e são impedidos de praticar qualquer expressão exterior de sua fé. Um prisioneiro disse: "Só nos permitiram sair 30 minutos aos domingos, ao pôr-do-sol. Quando me recusei a revelar informações sobre outros líderes cristãos, acorrentaram as minhas pernas durante vários dias e bateram-me. Sofri um derrame que me deixou parcialmente paralisado."

(Igreja Perseguida)

CRISTÃOS EM ISRAEL

Os cristãos na região de Israel / Palestina enfrentam discriminação de judeus e muçulmanos. Em Israel, os cristãos são cerca de 2% da população, e os judeus ultraortodoxos atacam especialmente os que têm antecedentes judaicos. Igrejas messiânicas foram vandalizadas e líderes cristãos agredidos. Nos territórios palestinos, os cristãos enfrentam discriminação diária da maioria muçulmana e a maioria vive em extrema pobreza. Uma dessas minorias em conflito disse: "Há cada vez menos de nós. Aqueles que conseguem sair não voltam. Eles buscam a paz em outros lugares, e assim nossas igrejas diminuem."

(Igreja Perseguida)

O GOVERNO SUDANÊS CONTRA CRISTÃOS

O governo do Sudão está acelerando esforços para eradicar completamente o cristianismo, deportando os cristãos para o sul do Sudão, demolindo igrejas, fechando escolas cristãs e impondo a sharia aos cristãos. Desde que o Sudão do Sul se separou em 2011, o governo do Sudão aumentou o ritmo da islamização. A minoria remanescente de cristãos no país é estimada em 3%, mas os planos do governo são reduzir isso a zero. O Sudão é um dos poucos países do mundo que cumpre a pena de morte por apostasia do Islão. Até os muçulmanos liberais que questionam os ensinamentos

islâmicos foram executados. As mulheres cristãs podem sofrer chicotadas públicas por usarem 'roupas imorais' - roupas que não estão em conformidade com o estrito código islâmico.

Há mais de trinta anos, o governo vem travando uma jihad genocida contra a mais antiga região cristã do Sudão, as Montanhas Nuba, perto da fronteira com o Sudão do Sul. Tem usado a fome deliberada, bombardeio aéreo, conversões forçadas, violações em massa e prisão de líderes cristãos, a maioria dos quais foi torturada e muitos deles mortos.

(Igreja Perseguida)

OS AMERÍNDIOS DO BRASIL

Embora a igreja no Brasil tenha observado um crescimento espetacular (o número de crentes nascidos de novo passou de 2 milhões para 52 milhões em apenas cinquenta anos), ainda existe um campo desafiador entre os indígenas ameríndios. À medida que essas pessoas se tornam cada vez mais urbanizadas e destribalizadas, ficam vulneráveis à exploração e à desorientação. As igrejas brasileiras, que estão entre as maiores emissoras de missionários para outros países, precisam também de alcançar os não-alcançados entre os seus próprios grupos indígenas.

(Operação Mundial)

EGITO: REFORMA E REAÇÃO

Embora o presidente do Egito tenha promulgado leis para dar aos cristãos maior liberdade, os militantes locais ainda dificultam a vida dos cristãos. Há frequentes surtos de violência contra cristãos e igrejas, às vezes com o apoio de autoridades locais. Dezenas de cristãos foram mortos. *(Fundo Barnabé)*

ESPERANÇA PARA AS IGREJAS SÍRIAS

Aleppo, a maior cidade da Síria, está livre de conflitos armados há muitos meses. A eletricidade foi restaurada várias horas por dia e as pessoas estão a retornar, incluindo alguns cristãos. Alguns realizaram a sua primeira celebração numa catedral sem teto. Superar o sentimento generalizado de desesperança é um enorme desafio.

Em Homs, a terceira maior cidade da Síria e outrora

uma fortaleza cristã, passaram-se dois anos desde o fim da luta e da destruição. Os cristãos estão entre as pessoas que retornam, mas muitas vezes são prejudicados, porque os líderes que administram a ajuda favorecem os muçulmanos.

(Fundo Barnabé)

ESCOLA BÍBLICA NA SÉRVIA

Uma escola bíblica, que começou na Sérvia há mais de vinte anos, tem mais de 350 graduados, muitos dos quais estão servindo a Deus em regiões da antiga Jugoslávia. Durante o curso, os alunos também se envolvem no trabalho com jovens e crianças, em acampamentos e no café missionário.

(Oak Hall)

NOVAS IGREJAS NO BANGLADESH

Missionários nacionais de Bangladesh plantaram mais de 20 igrejas na área de Chittagong, apesar dos ambientes hostis e da oposição religiosa. Embora a nação seja em grande parte muçulmana, muitos residentes nas localidades dessas novas igrejas são animistas ou budistas. Através da formação e discipulado, as novas igrejas cristãs estão crescendo. *(M. Ajuda Cristã)*

RÁDIO EM MYANMAR

No país predominantemente budista de Myanmar (Birmânia), os cristãos locais preparam e transmitem duas horas e meia de programas de rádio cristãos todos os dias. Estes programas podem ser ouvidos na língua nacional birmanesa, bem como em várias línguas étnicas. *(FEBC)*

LIBERDADE RELIGIOSA

Foi lançada uma campanha em países como o Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia para garantir que as leis cumpram o propósito de dar total liberdade de consciência, expressão e religião a todos os cidadãos. A sociedade secularizada, impulsionada pela influência desproporcional de grupos de pressão anticristãos, tem visto um desvanecimento constante da liberdade religiosa em muitos países ocidentais.

(Fundo Barnabé)

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.